



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

BÁRBARA ELIZABETH GUEDES OLIVEIRA

**CRIANÇAS DE SEIS E SETE ANOS E O USO DA INTERNET NO  
AMBIENTE ESCOLAR: estudo de caso em escola pública de Sobradinho  
(DF).**

BRASÍLIA

2016

BÁRBARA ELIZABETH GUEDES OLIVEIRA

**CRIANÇAS DE SEIS E SETE ANOS E O USO DA INTERNET NO  
AMBIENTE ESCOLAR: estudo de caso em escola pública de Sobradinho  
(DF).**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Comunicação, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Marques

BRASÍLIA

2016

BÁRBARA ELIZABETH GUEDES OLIVEIRA

**CRIANÇAS DE SEIS E SETE ANOS E O USO DA INTERNET NO  
AMBIENTE ESCOLAR: estudo de caso em escola pública de Sobradinho  
(DF).**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Comunicação, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Trabalho aprovado. DATA DA APROVAÇÃO:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Márcia Marques  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Gabriela de Freitas  
Examinadora

---

Prof. Dr. Benedito Medeiros  
Examinador

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ellen Galdes  
Suplente

BRASÍLIA

2016

Dedico esse trabalho a todos aqueles que acreditaram em mim.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus por todas as oportunidades que me possibilita. Por guiar meus caminhos e mostrar a direção certa. Por abrir portas e janelas ao longo da minha caminhada. Por me dar força e sabedoria para continuar seguindo. Por ser meu caminho, meu ponto de partida e minha chegada.

A toda minha família que me apoiou e sempre esteve ao meu lado. À paciência que tiveram comigo, por acreditar no meu potencial e por me prover condições para realizar esse trabalho.

À minha orientadora Márcia Marques que me direcionou com perfeição e me mostrou caminhos que conseguia enxergar. Por ter me ensinado a ter perseverança e otimismo. Por me ensinar a dar valor ao meu trabalho.

Agradeço a professora Ellen Geraldês que há alguns anos me mostrou a direção desse estudo. A professora Gabriela Freitas que me auxiliou na delimitação. Ao professor Samuel Pantoja que me auxiliou e me mostrou rotas que eu não acreditava serem possíveis.

A todos da Escola Classe 10 e da Regional de ensino, que me receberam com simpatia e respeito. A todos os alunos e pais que participaram desse estudo e suas professoras que realizaram as entrevistas da melhor forma possível.

A todos meus amigos que estiveram do meu lado durante todo o processo, me ajudando a ter paciência e esperança. Agradeço ao Bruno, Beatriz e Bárbara que compartilharam comigo suas angústias e descobertas e me auxiliaram a manter a calma. Por permanecerem sempre ao meu lado e me impulsionarem para frente. Agradeço a Thaís que me ajudou a manter a calma e me aconselhou da melhor forma possível, sem ela as dificuldades seriam maiores.

De forma geral agradeço a todos que estiveram comigo durante esse percurso de descobrimentos e ansiedades.

Agradeço a Universidade de Brasília por proporcionar esta possibilidade.

*“Agora não quero saber mais nada, só quero  
aperfeiçoar o que não sei.”*

*(Manoel de Barros)*

## RESUMO

Nas últimas décadas vivemos uma grande evolução comunicacional, graças ao avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), possibilitada por meio da internet. Com a facilidade de acesso e o barateamento, as crianças se tornaram usuárias assíduas. As escolas se apropriaram das novas tecnologias como ferramentas pedagógicas para melhorar a assimilação de conhecimentos. Existem diversos projetos do governo para gerar inclusão digital de alunos e professores, um desses é o PROUCA que promete modificar a forma de ensino das escolas públicas através do uso de novas tecnologias e internet. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo conhecer os usos de internet das crianças de seis a sete anos beneficiadas pelo projeto e as oportunidades e desafios que a utilização traz para a produção de conhecimento no ambiente escolar.

Palavras chaves: Internet, crianças e internet, inclusão digital, internet na escola, cibercultura, novas tecnologias, TIC.

## **ABSTRACT**

For the last decades, we have been facing a great evolution in communication thanks to the progress of the Information, and Communication Technologies (ICT) made possible by the Internet. Due to the easy access and undervalue, children became assiduous users. The schools use the new technologies as didactic tools to improve assimilation of knowledge. There are several governmental projects to facilitate the digital inclusion of students and teachers. One of the projects is called PROUCA, and it is committed to modify the way public schools teach through the use of new technologies and Internet. In this sense, this present paper aims to know how the six and seven year old children use the Internet and the opportunities and challenges that this Internet utilization brings to the production of knowledge in the school environment.

**Keywords:** Internet, children and the Internet, digital inclusion, internet in school, Cyberculture, new technologies, ICT.



# SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Tema de pesquisa.....	13
1.2 Delimitação do tema.....	13
1.3 Problema de pesquisa.....	13
1.4 Justificativa.....	14
1.5 Objetivos.....	14
1.5.1 Objetivo geral.....	14
1.5.2 Objetivos específicos.....	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 Os nativos digitais.....	16
2.1.1. A geração Alpha.....	17
2.2. Cibercultura, a nova cultura dos nativos digitais.....	19
2.3. Como utilizam internet.....	21
2.3.1 A era da convergência.....	22
2.3.2. Tudo está conectado.....	24
2.4. Uso de internet como ferramenta pedagógica.....	24
2.4.1 Comunidades virtuais de aprendizagem.....	25
2.4.2 O professor como mediador do conhecimento.....	27
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	29
3.1 Técnicas e métodos utilizados.....	30
3.2. Sobre o campo.....	31
3.3. Perfil dos entrevistados.....	32
3.4. Sobre os formulários.....	32
4 DESENVOLVIMENTO.....	34
4.1 Dados da pesquisa.....	34
4.1.1 Perfil da amostra.....	34
4.1.2 Uso de internet no ambiente familiar.....	36
4.1.3 O que as crianças fazem na internet.....	39
4.1.4 Local de uso e tempo.....	41

4.1.5 Internet na escola .....	43
4.1.6 Estudar na internet .....	45
4.1.7 Perigo na rede .....	47
4.1.8 Como as crianças entendem a internet .....	50
4.2 Impressões .....	52
4.2.1 Primeiras impressões .....	52
4.2.2 Impressões da pesquisa.....	54
4.3 Resultados da pesquisa .....	56
4.3.1 Realidades de acesso .....	56
4.3.2 Realidade sobre o uso de internet na escola .....	59
4.3.3 Realidades de uso .....	61
4.3.4 Realidades sobre a proteção das crianças na rede .....	63
5. CONCLUSÃO.....	66
REFERÊNCIAS .....	69
APÊNDICES .....	72

# 1 INTRODUÇÃO

A internet foi desenvolvida por instituições governamentais e centros de pesquisa de importantes universidades na década de 1960. A princípio foi uma ferramenta utilizada por militares, principalmente os estadunidenses, como forma de comunicação e estratégia. Por ser uma tecnologia audaciosa e cara, não foi desenvolvida por empresas que visavam o lucro, devido ao risco monetário que poderia causar.

A partir de 1980 a abertura da arquitetura da internet permitiu que por volta de 1990, com a criação do www, ela passasse a ser comercializada nos EUA. Desde então, a rede passou a conquistar usuários de diferentes idades e nações para objetivos distintos.

A internet é uma grande rede de compartilhamento de arquivos multimídia, possibilitando que um computador ou dispositivo esteja ligado a qualquer outro computador ou dispositivo no mundo inteiro. Hoje, com o avanço da tecnologia, é necessário apenas ter uma plataforma capaz de se conectar para que isso aconteça.

A internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global. (...) O uso da internet como sistema de comunicação e forma de organização explodiu nos últimos anos do segundo milênio. (CASTELLS, 2003, p.8)

Nas últimas décadas vivemos uma grande evolução comunicacional, graças ao avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), possibilitada através da internet. O acesso à rede se torna cada vez mais fácil e barato. Graças a essa facilidade de acesso, as crianças se tornaram grandes adeptos e usuários ativos.

Mesmo com todas as tecnologias disponíveis a televisão ainda é a grande responsável pelo entretenimento das crianças, assim como da sociedade brasileira. É um dos veículos de comunicação de massa mais tradicionais e está presente na maioria dos lares brasileiros. Segundo os resultados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) 2013 realizada pelo IBGE e lançados em 2014, a televisão se faz presente em 97,6 % dos lares.

A televisão é um fenômeno social de maior importância em nosso século. Já comparada à prensa de Gutenberg, ela criou explosiva oportunidade de circulação de informação e entretenimento. (...) está definitivamente instalada na intimidade dos lares, moldando comportamentos, sugerindo modismos, coagindo ao consumo, inculcando valores. (REZENDE, 2002, p.7)

Ainda, segundo os dados da pesquisa, 75,4% da população brasileira tem rádio em casa. É perceptível, assim, a abrangência dessas ferramentas tradicionais de comunicação nos domicílios e como ainda exercem grande poder para formar opinião pública.

Hoje em dia, porém, a internet vem tomando esse espaço e se torna cada vez mais presente nos lares brasileiros. Os dados da PNAD (2013) indicam que 51% da população têm computador em casa, 64,1% têm um aparelho celular para uso pessoal e 42% acessaram a internet nos últimos três meses. Percebe-se também que o acesso de crianças de 10 a 14 anos cresceu consideravelmente desde 2008, sendo que em 2013 65,3%, e em 2008 51%.

Com o passar dos anos a web se tornou acessível e cada vez mais próxima do usuário, possibilitando uma experiência de conexão contínua. É válido ressaltar que no Brasil e no mundo, principalmente nos países menos desenvolvidos, a internet ainda tem um preço alto e não se faz acessível a todos, principalmente para aqueles que vivem à margem da sociedade.

Segundo um levantamento feito pelo site *Internet World Stats* em 2014, 46,4% da população mundial têm acesso à internet. Em relação à América do Sul, o Brasil aparece em primeiro lugar no número de usuários e ganha disparado dos outros países. A Argentina vem em segundo lugar, seguida da Colômbia. 61% da América do Sul está conectada à rede.

Segundo a última pesquisa *TIC Kids Online* nacional realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CTIC. BR), 75% dos entrevistados de 10 a 15 anos são usuários ativos de internet. Além disso, foi percebido que essa faixa etária está passando mais tempo conectada se comparada aos anos anteriores.

(...) esses valores são ainda mais significativos entre os respondentes de classes socioeconômicas mais altas, pois praticamente a totalidade (98%) dos pertencentes às classes AB mencionaram utilizar a Internet pelo menos uma ou duas vezes por semana, enquanto os incluídos nas classes DE representam 66% em relação a esse tempo de utilização. (CGI.br, 2015, p. 81)

Foi percebido na pesquisa que as crianças brasileiras estão acessando a internet cada vez mais precoces, 37% das crianças de nove a dez anos declararam que o primeiro acesso foi com seis ou sete anos. Essa realidade não é diferente nas outras faixas etárias, que também declaram ter o primeiro acesso na fase de seis a oito anos.

Em relação às atividades realizadas na internet, a pesquisa revela que as crianças entre nove e 14 anos dizem usar mais a internet para realização de trabalhos escolares do que qualquer outra atividade. Além disso, destacam-se o uso para jogar, realizar pesquisas, uso de redes sociais, assistir a vídeos e ouvir músicas.

É válido ressaltar da pesquisa os dispositivos mais utilizados para o acesso à rede pelas crianças. Foi percebido que 49% das crianças entre nove e dez anos acessam a internet por meio de celulares. O acesso à rede por esse dispositivo se faz alto em todas as classes sociais. Essa

mesma faixa etária é a mais adepta ao uso de tablets para o acesso, 43% fazem o uso do dispositivo para se conectar.

A pesquisa *TIC Kids Online* Brasil 2014 revela que o acesso à Internet por meio de dispositivos móveis teve um aumento significativo: 82% das crianças e adolescentes usuários de Internet acessaram a rede pelo telefone celular, enquanto essa proporção era de 53% em 2013. O uso de tablets para acesso à Internet também apresentou crescimento estatisticamente significativo, sendo utilizado por 32% do total de crianças e adolescentes. (CGL.br, 2015, p. 25)

Podemos perceber assim, o alcance da internet no mundo e no Brasil e sua acessibilidade. Graças a toda essa facilidade de acesso, as crianças passaram a utilizar cada vez mais esse meio de comunicação. Com a ascensão desses usuários, surgiram conteúdos próprios para tentar engajá-los.

Se tornou a preocupação de muitos pesquisadores o que essas crianças fazem na internet e como isso pode influenciar na formação desse ser, até que ponto o acesso é positivo e onde se torna negativo. Foram realizadas várias pesquisas para tentar responder essas questões, que se tornou uma preocupação global.

Muitas dessas pesquisas foram realizadas com crianças a partir de 10 e 11 anos de idade. No Brasil a escola do futuro da USP tem vários estudos nesse segmento. Além disso, na Europa, o projeto *EU Kids Online*<sup>1</sup>, faz levantamento em 18 países sobre o que está sendo pesquisado em relação a crianças e internet e mostra a preocupação dos países europeus sobre o assunto.

As pesquisas com crianças de menos de 12 anos quase não aparecem ou são pouco comentadas. Essa lacuna nas pesquisas provavelmente aconteça por conta da atualidade desse evento, tendo em vista que utilização de internet pelo público infantil com menos de dez anos se deu nos últimos anos.

Existe uma grande preocupação, ainda, em relação ao controle dos pais ao acesso infantil. A publicidade, por exemplo, tem se repensado e atingido as crianças de outras formas através da internet. Além disso, sites maliciosos, salas de bate-papo, jogos de apostas, jogos de *multi-players*, etc, requerem maior atenção dos adultos. O tempo de exposição é outra coisa a ser observada.

Esse acesso foi levado para dentro das próprias escolas, para facilitação de aprendizagem e como uma ferramenta pedagógica. A internet é um meio complexo com um grande número de informações, onde as crianças as consomem, como qualquer outro usuário.

---

<sup>1</sup> <http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EUKidsOnline/Home.aspx>

Quando o computador começou a surgir nas escolas muitos estudos foram realizados para entender como o uso dessa nova ferramenta poderia afetar ou ajudar no ensino. Hoje, porém, a internet está presente na maioria das escolas, algumas usam tablets como material pedagógico. Deve ser considerado também as crianças que levam seus celulares e dispositivos particulares com acesso à rede para a sala de aula.

É preciso também, levar em consideração as crianças que não tem acesso à internet. Os que estão à margem da sociedade, e por conta disso, não consomem todas essas informações, e assim como os adultos, têm que ser inseridos nessas novas tecnologias. Muitas escolas não têm computadores e, portanto, não têm acesso a rede e outras tem os dispositivos e não disponibilizam o acesso.

### 1.1 Tema de pesquisa

Crianças de seis e sete anos e o uso da internet no ambiente escolar: estudo de caso em escola pública de Sobradinho (DF).

### 1.2 Delimitação do tema

Para realização de tal pesquisa foi utilizado o ambiente escolar. Escolheu-se uma escola pública com possibilidade de acesso à internet. Foi feita uma pesquisa de campo neste ambiente com o público previamente estabelecido. Assim, será possível compreender o uso de internet pelas crianças, principalmente na escola.

### 1.3 Problema de pesquisa

De que forma as crianças utilizam a internet no ambiente escolar?

## 1.4 Justificativa

Graças à tecnologia, crianças de cinco anos, por exemplo, têm nas mãos acesso a um mundo de possibilidades e informações. Se há dez anos a televisão tomava conta do imaginário delas, a internet atualmente vai além do imaginável, devido ao grande número de oportunidades.

A médio e longo prazo essa interação pode gerar resultados bons ou ruins. O ambiente escolar deveria tentar trazer os melhores resultados possíveis para esse uso, mostrando para os alunos como melhor utilizar a rede. A utilização de toda essa informação apenas para entretenimento pode ser prejudicial.

É necessário um mediador de conhecimentos para que as crianças não se percam no grande número de informações e criem saberes mais próximos da verdade. Para isso, a escola deve desempenhar um papel de mediador, juntamente com os pais e responsáveis.

## 1.5 Objetivos

### 1.5.1 Objetivo geral

Investigar o uso da internet pelas crianças de baixa renda no ambiente escolar.

### 1.5.2 Objetivos específicos

1.5.2.1 Compreender como a utilização da internet pode afetar a vida das crianças.

1.5.2.2 Perceber como crianças de diferentes realidades sociais no Brasil utilizam internet.

1.5.2.3 Diagnosticar se as crianças, os responsáveis e professores sabem do risco que correm estando conectadas à rede.

1.5.2.3 Verificar se o uso de internet nas escolas tem tomado caminhos para a criação de conhecimentos e para auxiliar no ensino pedagógico.

## 1.6 Hipóteses

- Ao utilizar internet no ambiente escolar, as crianças compreendem que este universo vai além de diversão. Assim, conseguem entender como podem adquirir conhecimentos a partir da conexão com a rede.
- As escolas estão preparadas para a entrada da internet como ferramenta educacional.
- O uso de internet como entretenimento é uma atividade da maioria das crianças usuárias.
- Os responsáveis e professores têm consciência dos perigos que a internet pode trazer para as crianças e têm regras educativas.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Os nativos digitais

Para Palfrey e Gasser (2011) todo aquele nascido depois de 1980 se qualifica como um "nativo digital". Este nativo nasce na era da ascensão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e já está acostumado com as novas tecnologias de forma natural, não precisa de adaptação, diferente dos imigrantes digitais.

Os imigrantes digitais são seus pais, avós, tios que não nasceram nessa mesma época e não estão acostumados com as novas tecnologias. Por isso precisam se adaptar ao novo meio que vivem. Algumas vezes não conseguem se encaixar na nova forma de ver o mundo e acabam se tornando excluídos digitais.

Os nativos já nascem com celulares e tablets na mão. Se não sabem como mexer na tecnologia, rapidamente aprenderão. E assim, passarão maior parte de suas vidas conectados na rede para realizar suas tarefas, das mais básicas às mais complexas.

Os Nativos Digitais passam grande parte da vida online, sem distinguir entre o *online* e o *offline*. Em vez de pensarem na sua identidade digital e em sua identidade no espaço real como coisas separadas, eles têm apenas uma identidade (como representações em dois, três ou mais espaços diferentes). São unidos por um conjunto de práticas comuns, incluindo a quantidade de tempo que passam utilizando as tecnologias digitais, sua tendência para multitarefas, os modos com pensam e se relacionam um com o outro de maneiras mediadas pelas tecnologias digitais (...) (PALFREY E GASSER, 2011, p.14)

Tapscott (2010) define os mesmos nativos digitais como geração internet. Seriam aqueles que têm internet como algo natural. São consumidores ativos e ao consumir, respondem a esse consumo, algumas vezes subconscientemente.

Se caracterizam como criadores e compartilhadores de conteúdo. Publicam vídeos, fotos e textos em redes sociais e blogs, além de partilhar com o mundo as suas opiniões. Esses não conseguem conceber a vida sem o acesso ilimitado à rede 24 horas por dia, e a utilizam para realizar todo o tipo de tarefas.

Sem seus telefones celulares, os integrantes de Geração Internet ficam ansiosos rapidamente. Os adolescentes acostumados a ter acesso irrestrito a um celular começam a sentir ansiedade e uma sensação de "privação" quando ficam separados do aparelho por mais de 24 horas. (TAPSCOTT, 2010, p.62)

Segundo Passarelli, Junqueira e Angeluci (2014), os nativos digitais se tornaram evidentes nos últimos tempos devido as suas novas habilidades e interesses diferentes dos seus

pais e antepassados. Esperava-se que para ter total conhecimento de uma nova tecnologia fosse necessária a realização de cursos. O entendimento popular vê isso como uma falácia quando se pensa nos nativos.

Com o acesso à rede cada vez maior, as crianças absorvem um grande número de informações em um curto espaço de tempo. Para tal, passam cada vez mais tempo conectados à rede, o que se tornou possível devido a facilidade de acesso. “São jovens nascidos entre 1980 e 1994 que, imersos na cultura das novas mídias, as consideram como parte integral de seu cotidiano e as utilizam de maneira diferencial se comparada às gerações anteriores, bem como seus professores”. (PASSARELLI, JUNQUEIRA E ANGELUCI, 2014, p.162)

Deve-se levar em consideração as características psicológicas e sociais dos nativos digitais, que imersos na conexão com a rede mudam sua forma de pensar o mundo e de estar no mundo. Criam novas habilidades, se comunicam de forma diferente, sentem o mundo e interagem com ele de novas maneiras.

Trabalhamos com um sujeito necessariamente processual, produto da rede e que se expressa em rede. Ser é atuar, partilhar e colaborar, visando à coletividade. É apropriar-se não apenas de bens materiais, mas também daqueles simbólicos, a fim de promover uma nova dinâmica de aprendizagem estabelecida em função de diversos espaços interativos que surgem com o paradigma das novas tecnologias da informação, o que exige de seus atores novas habilidades emocionais, sociológicas, motoras e cognitivas para a comunicação em rede. (PASSARELLI e AZEVEDO, 2010, p.18)

### 2.1.1. A geração Alpha

Entendendo os nativos digitais como todos aqueles que nasceram depois da possibilidade de facilidade de acesso as tecnologias, a faixa etária que abrange essa parcela da população é enorme. Os primeiros nativos digitais têm hoje 36 anos, o que compreende usuários de diferentes percepções de mundo e formas de utilizar a rede.

Logo, para melhor compreender as crianças da atualidade, é preciso levar em consideração as gerações digitais. Para Tapscott (2010) os nativos digitais ou geração internet se classificariam como geração Y ou geração do milênio. Esta, compreenderia as pessoas nascidas em janeiro de 1977 a dezembro de 1997. Hoje, 2016, estes compreenderiam a faixa-etária de 39 a 19 anos.

O autor define ainda a geração Z ou geração Next, que compreenderia os nascidos de janeiro de 1998 até o presente, as pessoas dessa geração estariam atualmente na faixa de 19 a 0

anos. Essa geração seria, na visão de Tapscott, a das crianças e daria a essa faixa as mesmas características.

Alguns pesquisadores segmentam ainda mais essa geração Z, como Serrano (2010) que a define como os nascidos até 2009, o que incluiria as crianças de até sete anos. Para ele, estes estão “constantemente conectados através de dispositivos portáteis e, preocupados com o meio ambiente” (SERRANO, 2010). As crianças com menos de sete anos, o que compreenderia a faixa-etária de seis a zero anos, são definidas como geração Alpha.

Segundo estudiosos, esta geração será caracterizada pela instrução e educação. Nenhuma outra teve tanto acesso ao conhecimento humano como esta que agora começa a se formar. Ainda sem características precisas definidas, a não ser que nascerão em um mundo conectado em rede, a Geração Alfa será composta tanto de filhos geração Y, como da Geração Z. (SERRANO, 2011)

Pouco se sabe sobre a geração Z, e o mesmo acontece com a recente denominada Alpha. Não se tem conhecimento sobre como a utilização diária de internet vai afetar a forma que as crianças vivem a longo prazo. Muito do que se fala sobre essa geração é uma projeção de como crianças de dois anos irão se portar daqui a vinte anos devido ao seu acesso constante a internet.

A geração Alfa ainda é bastante recente, no entanto há detalhe que já podem ser antecipados, como o aprofundamento do uso da tecnologia da informação como um facilitador na maximização do tempo. O desenvolvimento tecnológico revoluciona o papel do colaborador nas organizações, modifica a comunicação entre os indivíduos, assim como modifica o formato de aprendizagem. O acesso ao conteúdo é facilitado, desenvolvendo no ser humano a capacidade da pesquisa e uma visão crítica. O contato físico torna-se mais raro, no entanto mais valorizado. As ferramentas de base tecnológica tornam-se os mais populares. (SANTOS E YAMAGUCHI, 2015, p.6)

Essas gerações, mesmo sendo nativos digitais, têm uma relação diferente com a internet comparados aos seus conterrâneos. Elas compreendem o acesso à rede de forma mais amigável e necessária, não conheceram o mundo de outra forma. É válido pontuar que nem todas as crianças do mundo estão conectadas, nem todas têm condições para viver essa realidade.

Esses jovens e crianças se caracterizam como modificadores, estão mudando a forma de usar a rede e assim, recriam a internet, que se adequa às necessidades de seus novos e ávidos usuários.

(...) assistindo a filmes em telas de duas polegadas. Eles usam celulares de uma maneira diferente. Você fala ao telefone e verifica seu e-mail, para ele, e-mail é algo ultrapassado. Eles usam celular para enviar mensagens de texto incessantemente, navegar na internet, achar endereços, tirar fotos, fazer vídeos e colaborar. (TAPSCOTT, 2010, p.19)

## 2.2. Cibercultura, a nova cultura dos nativos digitais

As mudanças tecnológicas sofridas no final do último milênio fizeram com que as mídias tradicionais passassem por grandes transformações. A comunicação humana foi a mais afetada, modificando também a forma que os seres humanos vivem. “As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela” (CASTELLS, 2002, p.40).

As pessoas com acesso à rede começaram a passar a maioria do seu tempo conectadas. Os jovens e crianças estão sempre ligados a algum tipo de dispositivo e muitas vezes não têm consciência que estão conectados à rede. Assim, estão sempre se comunicando e compartilhando algo com alguém. Conversam por meio dos jogos, por meio das redes sociais, por meio de aplicativos, com pessoas do seu círculo social ou de fora.

É neste sentido que nasce a cibercultura, que é “o conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17). O ciberespaço, por sua vez, é o espaço que a rede mundial de computadores cria e proporciona.

Os jovens e crianças utilizam do ciberespaço para criar novas formas de se comunicar com o mundo, para demonstrar suas satisfações e insatisfações. É a partir disso, que se comunicam de uma forma completamente diferente de seus pais e recriam a cibercultura de forma única e própria, embora o façam subconscientemente.

Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação, diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LÉVY, 1999, p.11)

As pessoas que fazem do ciberespaço um lugar comum e, assim, são inseridas na cibercultura, vivem uma transição de antigas e tradicionais mídias para mídias novas e conectadas. A comunicação em geral passou a ser realizada através de aparelhos conectados, assim como a grande parte do entretenimento.

A possibilidade de conexão está diretamente ligada ao advento das tecnologias. Os seres humanos evoluem juntamente com as tecnologias e mudam também a cultura a qual estão inseridos, assim como suas crenças.

A cultura da internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levando a cabo por comunidades de hackers que prosperam na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia. (CASTELLS, p. 53, 2003)

É possível se comunicar com qualquer pessoa do mundo, basta que haja conexão de ambas as partes. O círculo social aumenta, assim, em uma proporção jamais imaginada. O poder de compartilhamento de informações e experiências é potencializado graças ao aumento da facilidade de acesso.

Estamos perante uma nova e poderosa 'rede' de cultura e de socialização que permite aos utilizadores e consumidores apropriarem-se e atribuírem significação as mensagens e informação veiculada nos seus contextos de vida e tendo como base genuína as suas necessidades, motivações e interesses. (BARRA, 2004, p. 63)

A comunicação da cibercultura é realizada através da rede e graças a ela. “O ciberespaço visa, por meio de qualquer tipo de ligações físicas, um tipo particular de relação entre as pessoas” (LÉVY, 1999, p.126). Parte dessa comunicação é realizada através das redes sociais. Um usuário comum utiliza a rede para se comunicar, socializar, conhecer pessoas e partilhar parte de seus saberes.

O acesso à rede proporciona o contato de pessoas com os mesmos interesses e níveis sociais. Pessoas que gostam de carros vermelhos podem fazer reuniões online sobre esse interesse específico, e assim partilhar seus conhecimentos, por exemplo.

Neste sentido, nasceram os jogos online, que são possíveis através da conexão com a rede. Os jogadores têm à disposição chats online, onde podem conversar com outros jogadores, que podem estar em qualquer lugar do mundo. As crianças utilizam dessa ferramenta para se comunicar, partilhar informações e conhecer novas pessoas, que tenham seus mesmo interesses.

Das crianças que possuem acesso a algum tipo de dispositivo móvel, boa parte delas os utiliza para jogos, para assistir a vídeos, para acessarem redes sociais e, principalmente, para baixar e instalar aplicativos (*apps*) de forma gratuita ou paga em lojas que armazenam arquivos em *cloudstorage*. (MELO, NEVES E MACHADO, 2014, p.2)

As crianças são seres ativos da rede e criadores de cibercultura que utilizam a internet como forma de entretenimento e para realizar tarefas advindas de mídias tradicionais. É muito comum ver crianças assistindo televisão online, por exemplo. Graças à expansão do ciberespaço, a internet é utilizada como mídia, tendo os nativos digitais como maiores consumidores.

A televisão ainda exerce um grande papel na vida dos brasileiros e permanece como o maior meio de massa. Porém, a internet tem dado grande poder de escolha e participação.

Diferente de outros meios e tecnologias, o usuário pode de fato escolher o que quer ver, aonde, no horário que melhor o atender, e a forma.

### 2.3. Como utilizam internet

As crianças dedicam grande parte do seu tempo para viverem conectadas. A imersão no ciberespaço faz com que sejam diariamente bombardeadas de informações em um curto espaço de tempo, sem que haja possibilidade para absorção de várias delas. Acabam substituindo necessidades e tradições pelo maior tempo de conexão.

Esse acesso constante é possível graças à o crescente número de aparelhagens disponíveis, que promovem conexão contínua e facilidade de acesso. O nível de contentamento pessoal tende a aumentar com o acesso, já que as atividades realizadas muitas vezes correspondem a necessidades intrínsecas do ser humano, como lazer e entretenimento.

Investem, neste processo interativo, longas parcelas de seu tempo, não apenas daquele disponível para o lazer e o entretenimento, mas também o do estudo e da realização de tarefas escolares, do relacionamento social e familiar e o de toda a sorte de atividade cotidiana, como o da alimentação e descanso. (PASSARELLI e JUNQUEIRA, 2012, p.298)

Percebe-se que as crianças adquirem certa destreza com a tecnologia na qual estão inseridas e rapidamente apresentam uma grande expertise no que diz respeito ao uso da tecnologia. Além disso, propendem para a realização de multitarefas e pela não compreensão das barreiras entre o real e o virtual.

Para a sabedoria popular os nativos digitais entendem de internet e tecnologias naturalmente. Isso advém, provavelmente, da percepção de imigrantes digitais. É claro, que o fato de nascerem em um ambiente propício os leva a entender as tecnologias mais rapidamente, mas é necessário aprender o manuseio, como a qualquer outro.

(...) para os jovens contemporâneos conectados prevalece um borramento das fronteiras entre suas atividades de entretenimento, comunicação, estudo, trabalho e relacionamentos familiar e social. E em todas elas, quando mediadas pelas telas digitais, o jovem navega, clica, digita, fotografa, grava, salva, envia conteúdos e realiza um conjunto cada vez mais dilatado de ações, com incríveis níveis de destreza e desempenho, o que enseja a generalização da falsa ideia de que eles dominam total, natural e instintivamente o universo digital. (PASSARELLI, JUNQUEIRA E ANGELUCI, 2014, p.174)

Devido a possibilidade de acesso à internet, as crianças e adolescentes têm trocado o convívio social, assim como a execução de tarefas simples e comuns, pelo ciberespaço. Cada vez mais o digital tem tomado o espaço do analógico, sem diferenciação entre horários físicos.

A perda de noção de tempo que as crianças sofrem quando conectadas foi percebida em várias pesquisas e se tornou uma preocupação dos especialistas. É notado que a percepção de que o tempo está passando mais rápido é uma das características da modernidade. Além disso, é fácil se perder na galáxia internet.

O tempo da internet pode ser percebido pelo número de tarefas que se consegue realizar em um curto prazo, diferente do tempo analógico. Ao utilizar a rede, suas tarefas podem ser otimizadas, pode-se falar com mais pessoas de uma só vez e atingir objetivos mais rapidamente. Esses fatos, levam a perda de noção do tempo real.

### 2.3.1 A era da convergência

Nesse sentido, podemos perceber a convergência sofrida pela humanidade nessa era. É perceptível que vivemos a era da cultura de convergência, onde as mídias estão interagindo uma com as outras cada vez mais. Henry Jenkins (2009) um dos maiores pesquisadores sobre esse assunto mostra como vivíamos antes da convergência:

Cada meio de comunicação tinha suas próprias e distintas funções e seus mercados, e cada um era regulado por regimes específicos, dependendo de seu caráter: centralizado ou descentralizado, marcado por escassez ou abundância, dominado pela notícia ou pelo entretenimento, de propriedade do governo ou da iniciativa privada. (JENKINS, 2009, p.37)

Hoje as barreiras comunicacionais são cada vez mais destruídas e vivemos uma era onde a informação flui por diferentes canais e é recebida de forma plural pelo consumidor de mídia. As notícias, por exemplo, podem ser lidas por diferentes plataformas e canais.

A convergência acontece quando utilizamos uma plataforma que tinha uma determinada função única e a reconfiguramos para diferentes funções de consumo de mídia. Logo, quando os meios de comunicação são distribuídos por diferentes canais, eles convergem suas funções.

Nesse contexto, a convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica; ela altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. Modifica a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. (PASSARELLI, 2010, p.67)

As crianças, usuárias de internet e consumidoras de mídia, interferem e vivem esse processo, talvez de forma mais plena que os adultos. Eles utilizam uma mesma plataforma para executar uma série de diferentes tarefas e caminham pelos conteúdos com uma grande facilidade.

Os celulares têm sido uma ferramenta muito importante para o acontecimento da convergência. Jenkins já dizia que “Os celulares se tornaram fundamentais no processo de convergência das mídias” (JENKINS, 2009, p.31). Com o acesso a esse dispositivo com idade cada vez mais precoce, as crianças se tornam atores das transformações midiáticas.

Neste contexto, o celular representa, especialmente para jovens e adolescentes, a tela de convergência por excelência, haja vista que muito além de permitir falar, esses aparelhos agora utilizados para enviar mensagens, ouvir músicas ou rádio, jogar, calcular, tirar e enviar fotos, gravar e distribuir vídeos, agendar, despertar e navegar na internet, entre outras funções cada vez mais inumeráveis. (PASSARELLI e JUNQUEIRA, 2012, p.299)

As crianças vivem a convergência de mídia principalmente convergindo os meios tradicionais com a internet. Assistem televisão em computadores, escutam músicas de filmes na internet e consomem jogos online relativos aos desenhos que assistem.

O programa “Bom Dia e Cia” do SBT é um exemplo da eficácia da convergência sofrida pelas crianças. A partir de 2004 o programa convidava as crianças para ligar e assim participar de um jogo e ganhar prêmios. Tempos depois o telefone foi trocado pela *webcam*, assim as crianças podiam utilizar a internet para interagir com seu programa favorito.

Além disso, estão conectados a diferentes telas ao mesmo tempo. Jogam enquanto assistem televisão e conversam com um amigo pelo celular. Percebe-se nas pesquisas que as crianças e adolescentes utilizam o celular como a principal tela de acesso para o consumo de mídias.

Essas crianças que vivem a convergência utilizam internet para fazer uma gama de atividades diferentes, como jogar, ouvir música, se comunicar, pesquisar, estudar, postar fotos e assistir a vídeos. E algumas fazem várias dessas ao mesmo tempo.

Seriam então, caracterizadas como ser multitarefas, Brasilina (2012) os caracteriza como “a geração capaz de prestar atenção e realizar, simultaneamente, um diferente e ampliado conjunto de ações, podendo utilizar, para tanto, uma ou mais telas, como a televisão, o computador, o celular e o game”. (PASSARELLI e JUNQUEIRA, 2012, p.299)

Os nativos digitais de hoje são cada vez mais novos. As crianças desde pequenas estão conectadas à rede e ao mesmo tempo fazendo várias tarefas de naturezas diferentes. Porém, essa multitarefa não significa perfeição em tudo, apenas que se faz tudo ao mesmo tempo.

Para a realização dessas multitarefas é necessária uma conexão diária e infinita. É preciso estar sempre com seus dispositivos ligados, sempre conectado a web. Isso ajuda para perda de percepção do analógico e do virtual, principalmente com as crianças.



### 2.3.2. Tudo está conectado

Sem que percebêssemos estávamos conectados à rede por dispositivos que nem imaginávamos. Graças a toda convergência dos meios e a necessidade da conexão, aparelhos tradicionais se conectaram a internet para maior eficácia de suas tarefas.

(...) o horizonte técnico do movimento da cibercultura é a comunicação universal: cada computador do planeta, cada aparelho, cada máquina, do automóvel à torradeiras, deve possuir um endereço de internet. Este é o imperativo categórico da cibercultura. Se este programa se concretizar, o menor dos artefatos poderá receber informações de todos os outros e responder a eles, de preferência sem fio. (LÉVY, 1999, p.129)

Lévy chama essa conexão onde tudo se conecta à rede de internet das coisas. Hoje temos geladeiras conectadas, televisões, vídeos game, relógios, carros, GPS, fogões e até produtos de vestuário. Deve-se destacar, porém, que ainda não vivemos a plenitude da conexão, nem toda a população pode participar deste fenômeno.

Todo esse contato com a rede e perda de noção de tempo real e virtual, nos faz perder também a noção da realidade. As crianças são as que mais sofrem com isso, como Tapscott ressalta:

Para essa geração, a internet é como uma geladeira. Eles não se preocupam com os meandros de sua operação; aquilo é simplesmente parte da vida. “As crianças acham que o dinheiro vem de uma parede.” Diz o especialista em internet Jerry Michalski, referindo-se a um caixa eletrônico, “e que a música vem de computadores”. (TAPSCOTT, 2010, p.55)

### 2.4. Uso de internet como ferramenta pedagógica

Os computadores e televisões foram apropriados pelas escolas como forma de melhorar o aprendizado e como facilitadores pedagógicos. Assim que a internet começou a ser acessível, também passou a ser incorporada nas instituições, com os objetivos de melhorar o entendimento e gerar maior conhecimento.

Existe um universo de possibilidades e de inteligências disponíveis na internet. Qualquer pessoa que detenha um tipo de informação e queira compartilhá-la com o mundo o faz de forma fácil e amigável. Essa troca de informações de todos os tipos, Pierre Lévy chama de inteligência coletiva.

O autor acredita que toda a inteligência deve ser compartilhada e não restrita a uma pessoa ou a um grupo e a internet torna isso possível. Assim, qualquer um poderia ter acesso a

informações de cunho diferente e se tornar especialista em um tema ou em vários temas, a partir da inteligência de várias pessoas. “O projeto da inteligência coletiva é, em linhas gerais, o dos primeiros idealizadores e defensores do ciberespaço. É a aspiração profunda do movimento da cibercultura.” (LÉVY, 1999, p.214)

Tendo como base essa definição, a internet se tornaria maior que qualquer enciclopédia já vista. As informações contidas na rede vão além do que se poderia aprender em um curso. Tão logo, é perceptível a necessidade de utilização de internet nas salas de aulas. Para isso, é preciso uma mudança na pedagogia tradicional, um novo olhar sobre a real função de cada um dos atores da sala de aula.

Mas o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos. (LÉVY, 1999, p.160)

Assim como Lévy, vários estudiosos acreditam que para a inteligência coletiva acontecer é necessário que os professores e alunos mudem seus papéis. As crianças têm em suas mãos um potencial de acesso a informações quase ilimitadas. Podem pesquisar e ter conhecimento sobre qualquer assunto, seja de interesse educacional ou não.

Essas informações, porém, podem levar a qualquer lugar ou a nenhum lugar. O ciberespaço é uma galáxia de informações verídicas e falsas, que podem ensinar ou desensinar. Surge daqui o entendimento que o que deve ser ensinado nas escolas é o aprender a aprender.

Refiro-me a educação. Mas em seu sentido mais amplo, fundamental; isto é, a aquisição da capacidade intelectual de aprender a aprender ao longo da vida, obtendo a informação que está digitalmente armazenada, recombina-a e usando-a para produzir conhecimento para qualquer fim que tenhamos em mente. (CASTELLS, 2003, p.227)

#### 2.4.1 Comunidades virtuais de aprendizagem

Graças ao ambiente proporcionado pelo ciberespaço e a possibilidade de trocas de saberes, nascem as Comunidades Virtuais de Aprendizagem (CVA). Estas existem a partir da integração de participantes com interesses compartilhados de inteligências múltiplas ou únicas que trocam as informações de forma cooperativa. Assim, criam um espaço que concebe o conhecimento e formam uma nova noção de aprendizagem.

Essa conexão com o ciberespaço é possível graças às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) e às facilidades de acesso. É um dos resultados da inteligência coletiva,

já que possibilita grupos com mesmo interesse e inteligências múltiplas se reunirem para formar conhecimento.

As comunidades virtuais de aprendizagem foram gestadas no espaço midiático da Internet e representam novas possibilidades para o processo de ensino/aprendizagem, tanto no âmbito da educação formal (escolas tradicionais) como no da educação não-formal (educação comunitária, educação para a vida). (PASSARELLI, 2007, p.47)

A partir da concepção dessa nova forma de conhecimento, a maneira de se aprender a aprender deve ser levada em consideração pelos ensinamentos tradicionais. A troca de sabedorias de forma habitual não faz mais sentido, uma vez que a internet contém uma grande quantidade de conhecimentos.

É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências. (LÉVY, 1999, p.174)

As CVAs têm como objetivo, além de formar a inteligência coletiva, sanar dificuldades e fragilidades de aprendizagem. Com todas as facilidades de acesso, todas as gerações têm acesso às informações disponíveis na rede, e podem, por si só, formar conhecimentos e opiniões. O número de meios e informações que a rede possui é incontável e deve ser gerenciada a formação desse tipo de saber, de forma a não se perder o objetivo central.

Em sua pesquisa Passarelli percebe que os alunos, principalmente os de escolas públicas, não sabem gerir as informações encontradas na web para torná-las conhecimento. Por falta de direcionamento os estudantes acabam copiando as informações que encontram, o que fortalece a forma do ensino tradicional baseado em conhecimentos decorados.

Ambientes virtuais de aprendizagem, especialmente concebidos e implementados para ancorar e motivar atividades de construção do conhecimento e promover a interação entre os membros da comunidade de professores e alunos podem ajudar a superar as fragilidades apontadas. (PASSARELLI, 2007, p.58)

Vários sites e jogos têm sido criados para essa perspectiva no Brasil e no mundo. Onde se pode aprender e compartilhar suas inteligências, sempre mediado por mestres ou professores. Existe um número expressivo de sites educacionais e projetos governamentais para que haja a conexão do aluno na sala de aula.

Algumas escolas particulares brasileiras tentam aderir a essa nova forma de saber, utilizando como materiais essenciais tablets e computadores com acesso à rede. O que é visto, porém, é uma reprodução continuada do que é passado em sala de aula, muitas vezes sem o incentivo a buscas de novas informações que podem ser transformadas em novos conhecimentos.

As universidades já haviam incorporado e entendido parte desse processo, porém, o mesmo não é vivido da forma esperada. Muitas vezes acontece a reprodução do modelo tradicional nas comunidades virtuais de aprendizagem. Exemplo disso é o módulo aprender da Universidade de Brasília, que tem ferramentas disponíveis para o debate e a troca de saberes, mas acaba seguindo os caminhos da educação comum, tradicional.

#### 2.4.2 O professor como mediador do conhecimento

Tendo em vista que qualquer pessoa pode compartilhar qualquer assunto na rede, sendo este real ou não, é necessário que exista um mediador de todas as informações contidas na internet para que o conhecimento possa ser alcançado de forma verdadeira.

Os atores dos saberes devem mudar os papéis desempenhados tradicionalmente. Assim, o professor deixa de ser o único detentor do conhecimento e passa a ser o regulador das informações. Os alunos passariam a ser agentes do conhecimento, participando ativamente da aquisição dos saberes.

De fato, o paradigma de ensino tradicional tem colocado o professor na condição de protagonista do processo de ensino-aprendizagem, deixando os alunos na condição de meros coadjuvantes. Contudo, ao colocar alunos e professores em situações variadas de interação, a dinâmica de trabalho do site desconstrói esse modelo. (PASSARELLI, 2007, p.85)

Pierre Lévy (1999) acredita que o fluxo do saber livre, possível graças ao acesso das TIC à rede, transforma radicalmente a educação e o modo de formação. Para o autor não se deve planejar aulas de um ano inteiro, o conhecimento deve ser livre e não preso a planos fixos de aulas.

Devemos construir novos modelos no espaço dos conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes “superiores”, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizado de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. (LÉVY, 1999, p. 160)

Para Lévy o ensino tradicional deve sofrer duas transformações para poder viver a inteligência coletiva. Primeiro, o Ensino Aberto e a Distância (EAD) devem ser incorporados pelas instituições de ensino. Assim, deve-se levar em consideração a integração professor aluno, aluno professor e aluno aluno, para que a troca de informações aconteça. O professor passa a ser o animador da troca de informações, bem como o mediador.

Em segundo lugar, deve-se levar em consideração as experiências vividas pelos envolvidos. É necessário reconhecer que a bagagem social, profissional e não acadêmica também é importante para a formação do conhecimento pessoal e deve ser vista como saberes. Lévy (1999) vê assim uma possibilidade para “uma nova economia do conhecimento”.

Os novos papéis surgem dessa dinâmica de integração e de troca livre de saberes. Tendo em mente que a liberdade de inteligência é de suma importância para efetividade desse processo, uma vez que os interesses são múltiplos e diversos.

Isso pressupõe novos papéis para estudantes e professores: estes podem ser considerados não apenas como facilitadores, mas também “administradores de curiosidades”, ao passo que os alunos devem ser vistos como “arquitetos do conhecimento”. A inclusão dessas novas tecnologias na educação sinaliza a necessidade de se repensar o papel professor. Afinal, ele já não é mais a única fonte de informação dos alunos. (PASSARELLI, 2007, p.93)

### 3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Para melhor compreensão sobre o consumo de internet pelas crianças no ambiente escolar, foi realizada uma pesquisa de campo em formato de entrevistas. Essa pesquisa exploratória teve como finalidade descobrir respostas e soluções sobre o uso de internet pelas crianças e utilizou as respostas dos entrevistados para tal.

A pesquisa realizada pode ser classificada como pesquisa exploratória, certa vez que “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p.41).

Partindo desse princípio, foi realizado um estudo de campo onde se buscou uma investigação para tentar responder as questões pré-estabelecidas. Foi escolhido um campo específico para o estudo que contivesse as características necessárias para o bom andamento da pesquisa.

Tendo em vista que a pesquisa tenta entender a relação das crianças e a internet e como isso pode se dar através do ambiente escolar, o campo escolhido foi uma escola. Era necessário que a mesma proporcionasse acesso às tecnologias de informação e comunicação para os objetos pesquisados.

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. (GIL, 2002, p. 53)

Levando em consideração o fato que apenas uma pesquisadora realizou o trabalho de campo, foi pré-estabelecido que o número de pesquisados principais não deveria ultrapassar 15 indivíduos. Além disso, foram estabelecidos quatro grupos diferentes: alunos, pais, professores e direção, sendo o grupo dos alunos o principal.

As percepções do pesquisador durante a pesquisa também serão levadas em consideração para obtenção de resultados significativos, sendo assim, farão parte das análises de resultados.

### 3.1 Técnicas e métodos utilizados

A técnica de pesquisa escolhida foi a de entrevistas. Este método prevê a obtenção de dados por meio de uma conversa. Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.195) “É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”.

Este processo faz com que o entrevistado fique próximo do entrevistador e assim possa obter um maior número de respostas. O objetivo buscado com esse método era o de compreender o que as crianças pensavam e como se sentiam em relação à internet. Além disso, se eram capazes de compreender o fenômeno ao qual estão inseridas direta ou indiretamente.

O tipo de entrevista aplicado aos pais, alunos e professores foi o estruturado. As perguntas foram previamente determinadas e entregues em forma de questionário. Porém, não estavam presas em si. Como a pesquisadora foi a entrevistadora, optou por adaptar algumas questões conforme a necessidade dos entrevistados em questão.

O motivo da padronização é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo "que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas" (Lodi, 1974:16). (MARCONI e LAKATOS, 2003, p.195)

Com o diretor a entrevista realizada foi a não-estruturada. A entrevistadora teve total liberdade para fabricar as questões conforme as respostas eram dadas. As respostas foram resultado de uma conversa informal. O roteiro de perguntas tinha como base entender como o diretor via a relação da escola, dos alunos, dos professores com a internet.

Outro método utilizado foi o de observação, que leva em consideração as perspectivas das realidades as quais se está inserido para a realização da pesquisa. Para Marconi e Lakatos essa técnica “É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo e se constitui na técnica fundamental da Antropologia”.

Assim, a observação realizada foi individual, tendo em vista que foi realizada por uma única pesquisadora. É de se esperar que as individualidades da pesquisadora reflitam sobre os entrevistados. Isso pode também aumentar a margem de erro interpretativo, assim como pode desenvolver melhor os objetivos.

Como o próprio nome indica, é técnica de observação realizada por um pesquisador. Nesse caso, a personalidade dele se projeta sobre o observado, fazendo algumas inferências ou distorções, pela limitada possibilidade de controles. Por outro lado, pode intensificar a objetividade de suas informações, indicando, ao anotar os dados, quais são os eventos reais e quais são as interpretações. É uma tarefa difícil, mas não

impossível. Em alguns aspectos, a observação só pode ser feita individualmente. (MARCONI e LAKATOS, 2003, p.194)

### 3.2. Sobre o campo

Levando em consideração o objetivo das entrevistas, foi realizada uma pesquisa sobre possíveis escolas que pudessem ser o campo exploratório. No estudo, descobriu-se o projeto UCA (Um Computador por Aluno) ou PROUCA (Programa Um Computador por Aluno) do Ministério de Educação (MEC) em parceria com o Governo do Distrito Federal (GDF) por meio da Secretaria de Educação do DF (SEDF).

O programa é de iniciativa da Presidência da República e tem como fim promover a inclusão digital nas escolas públicas, assim como integrar os programas educacionais com as novas tecnologias de informação e comunicação. A primeira fase do projeto foi realizada em cinco capitais brasileiras e na segunda fase 300 escolas receberam laptops.<sup>2</sup>

O UCA busca atualizar a pedagogia para que se adeque as novas formas da sociedade, formar cidadãos preparados para a vida tecnológica, auxiliar os alunos definidos como “excluídos digitais” devido a desigualdades sociais e com dificuldades de aprendizagem e realizar inclusão digital de professores e alunos.

O MEC também disponibilizou para essas escolas redes de internet sem fio, para que os laptops pudessem estar conectados à rede mundial de computadores. Uma outra parte do projeto é o UCA total, onde seis municípios receberam laptops para toda a rede de ensino, bem como alunos e professores.

Na segunda fase do PROUCA, seis escolas em Brasília receberam laptops para os seus alunos, sendo estas: EC 102 do Recanto da Emas, CEF Pípiripau II em Planaltina, EC 10 em Ceilândia, EC 01 no Guará, EC 10 em Sobradinho e CEF 01 do Planalto no Plano Piloto.

Para a realização da pesquisa em questão, foi escolhida a Escola Classe 10 em Sobradinho, devido à proximidade com o logradouro da pesquisadora.

---

<sup>2</sup> Informações retiradas do Edital CNPq/CAPES/SEED-MEC nº 76/2010



### 3.3. Perfil dos entrevistados

Para realização da pesquisa foi estabelecido um perfil principal, os alunos. Outros três perfis foram definidos para fazer base as respostas das crianças, sendo estes, os pais, professoras e o diretor.

Foram escolhidas duas salas de aula da escola. A escolha foi feita por meio da direção da mesma, sendo previamente informados que os estudados deveriam ter de seis a sete anos. Assim, as duas turmas escolhidas foram uma do primeiro e outra do segundo ano do período da tarde.

As professoras das duas turmas em questão foram as entrevistadas. A escolha foi feita pela direção da escola. Havia um desejo da pesquisadora de realizar a entrevista com um maior número de professores, mas foi orientada pela direção para realizar apenas com as duas professoras.

Para as professoras foram pedidos seis alunos. A direção orientou as mesmas para realizar a escolha tendo em mente os alunos que tinham os pais mais participativos e, logo, responderiam os questionários. A pesquisadora não teve nenhum contato na escolha dos alunos.

Foram escolhidas três crianças do sexo feminino e três do sexo masculino entre os alunos da turma de segundo ano, todos tinham sete anos. Na turma de segundo ano, foram escolhidas quatro crianças do sexo feminino e duas do sexo masculino, tendo a faixa de idade entre seis a oito anos.

Os pais que receberam os questionários foram os responsáveis pelos respectivos alunos entrevistados. Nem todos os pais responderam e devolveram os questionários, havendo assim uma perda de alguns dados.

### 3.4. Sobre os formulários

Os formulários foram criados para compreender e responder a pergunta da pesquisa, levando em consideração seus objetivos. Os roteiros de perguntas tiveram como inspiração o projeto “Crianças e Internet: usos e representações, a família e a escola” do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2011).

Os roteiros para as crianças foram divididos em duas partes: objetivo e subjetivo. Esperava-se que as mesmas pudessem responder o objetivo por si só e o subjetivo como uma conversa informal.

Em suma as perguntas tentavam descobrir o grau de entendimento das crianças sobre a internet, o que faziam na rede em casa e na escola, como elas achavam que os pais e os professores entendiam a internet, se achavam importante utilizar internet na escola, como faziam esse uso e sobre os perigos da web. (Ver apêndice A e B)

Os roteiros preparados para as professoras continham perguntas objetivas e subjetivas. Estes foram entregues e a pesquisadora apenas as observou responder. As questões tentavam compreender o que as professoras entendiam de internet, se achavam importante o uso em sala de aula, como faziam esse uso, como percebiam que seus alunos entendiam da rede e os perigos da internet. (Ver apêndice C)

Para os pais foi enviado, por meio dos alunos, o questionário. Não houve observação por parte da pesquisadora nessa fase. O questionário tentava compreender a veracidade das respostas das crianças, como os pais entendiam a internet, o uso da rede em casa, o que achavam do uso de internet nas escolas e sobre os riscos. (Ver apêndice D)

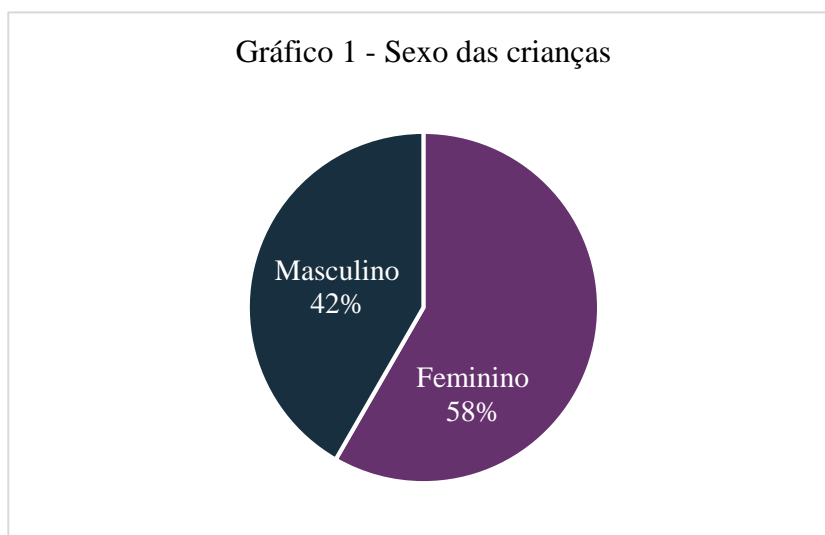
Com o diretor foi realizada uma entrevista de forma livre e informal. A pesquisadora tentou compreender como a direção da escola entende a internet e se a vê como uma ferramenta pedagógica. As questões buscaram compreender como o projeto UCA funciona na prática, se os professores estão preparados para as novas TIC e como os professores utilizam os laptops dentro da sala de aula. (Ver apêndice E)

## 4 DESENVOLVIMENTO

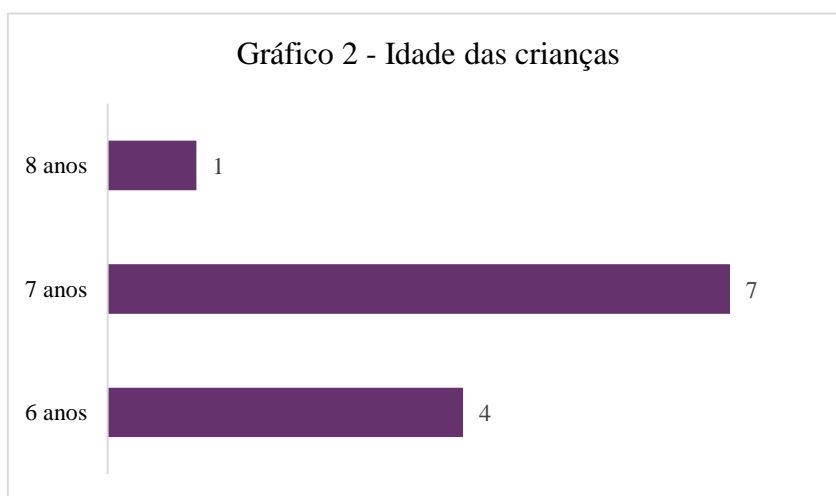
### 4.1 Dados da pesquisa

#### 4.1.1 Perfil da amostra

A pesquisa foi realizada com 12 crianças de seis a oito anos, pertencentes ao primeiro e segundo ano do ensino fundamental da Escola Classe 10 de Sobradinho, sendo seis alunos de cada ano. O perfil das mesmas é apresentado nos gráficos abaixo.



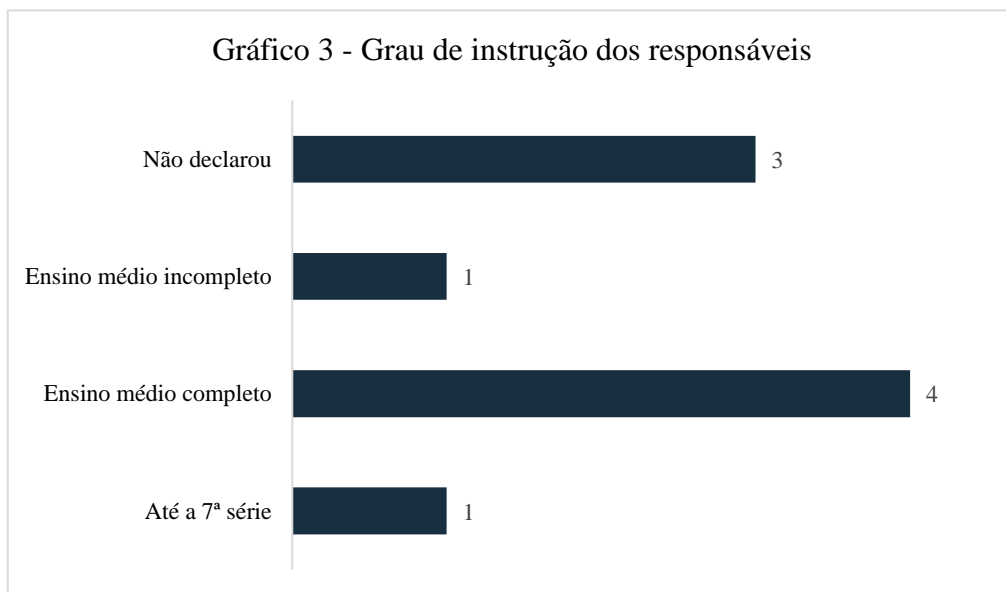
Fonte: elaborado pela autora



Fonte: elaborado pela autora

A pesquisa se estendeu para os pais e responsáveis, para que nos levasse à compreensão legítima dos fatos. Assim, foram entregues questionários as 12 crianças para que pudessem levar aos seus responsáveis. Destes, foram obtidas nove respostas, tornando a amostragem menor do que se pretendia. Foram entregues também questionários para as professoras das duas turmas.

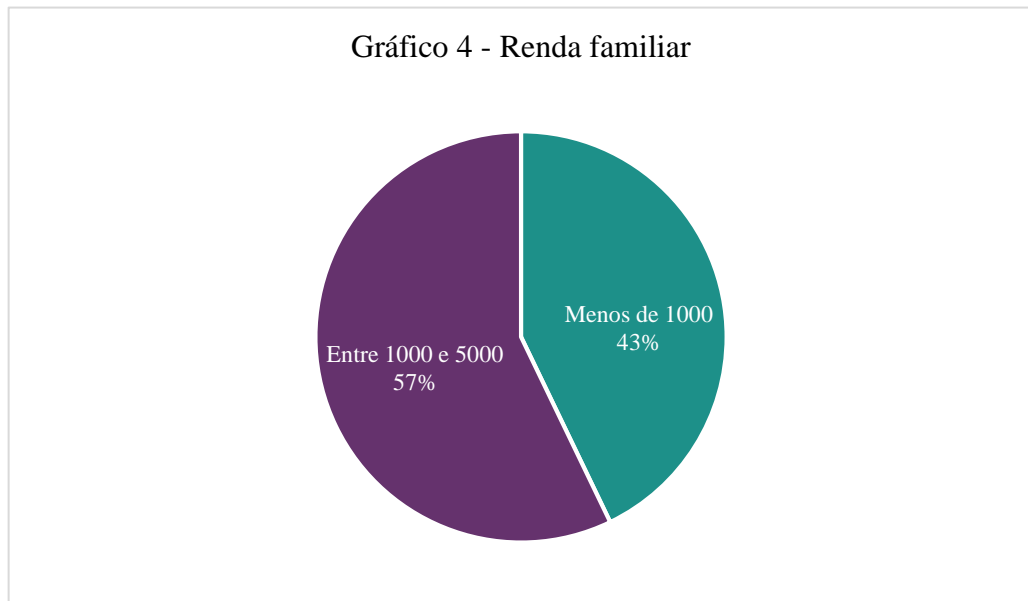
Dos responsáveis respondentes, oito se declararam do sexo feminino e apenas um do sexo masculino. Destes, duas se declararam avós, enquanto os outros mães e pai. Ao serem questionados sobre o grau de instrução, a maioria relatou ter apenas o segundo grau completo, como é possível observar no gráfico abaixo.



Fonte: elaborado pela autora

Ao observarmos as profissões dos pais e responsáveis, percebemos que a maioria das mulheres é dona de casa. Das que declararam que trabalham fora de casa uma é babá e outra autônoma. O único homem respondente se declarou moto boy. Em relação à idade, 44% têm menos de 30 anos, enquanto 22% têm mais de 30 anos e menos de 50 anos e apenas 22% têm mais de 50 anos.

Foi perguntado para os pais a renda familiar de suas famílias. A compreensão desse ponto será muito importante para os entendimentos seguintes e deram base as respostas das crianças no que diz respeito a posse de bens. É válido ressaltar que nem todos os respondentes souberam responder essa questão, alguns preferiram omitir-se.



Fonte: elaborado pela autora

Entender a qualificação dos pais, suas profissões e a renda familiar, ajuda a compreender melhor a relação das crianças questionadas com a internet. É sabido que o nível intelectual dos pais afeta na forma que seus filhos vivem e aprendem o mundo.

É na família que a criança encontra os primeiros “outros” e com eles aprende o modo humano de existir. Seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito. Isto se dá na e pela troca intersubjetiva, construída na afetividade, e constitui o primeiro referencial para a sua constituição identitária. (SZYMANSKI, 2004, p.7)

Além disso, é necessário para o entendimento de um importante campo do qual não se teve contato direto, o lar das crianças. A área que a escola Classe 10 abrange é um local geográfico onde se concentram famílias de baixa renda. Tendo em vista a renda familiar declarada, as famílias entrevistadas fariam parte das classes sociais mais baixas.

Entendemos que o campo onde a amostra foi retirada compreende uma parte significativa da população brasileira que tem uma renda familiar menor que 5 mil reais e seus filhos estudam em escola pública.

#### 4.1.2 Uso de internet no ambiente familiar

Com a ascensão das novas tecnologias da informação e o barateamento nos preços, os lares brasileiros passaram a ter um grande número de aparelhagens e posse de distintas telas.

Essa realidade, todavia, não é vivida por toda população. Algumas comunidades e famílias vivem à margem da sociedade, e não têm acesso a esse tipo de tecnologia.

É sabido que todas as crianças entrevistadas têm contado diário com as TIC, em casa ou na escola. A penetração quase unânime da televisão nos lares brasileiros é uma prova deste fato. Além disso, estão sempre utilizando laptops no ambiente escolar, assunto que será discutido mais à frente.

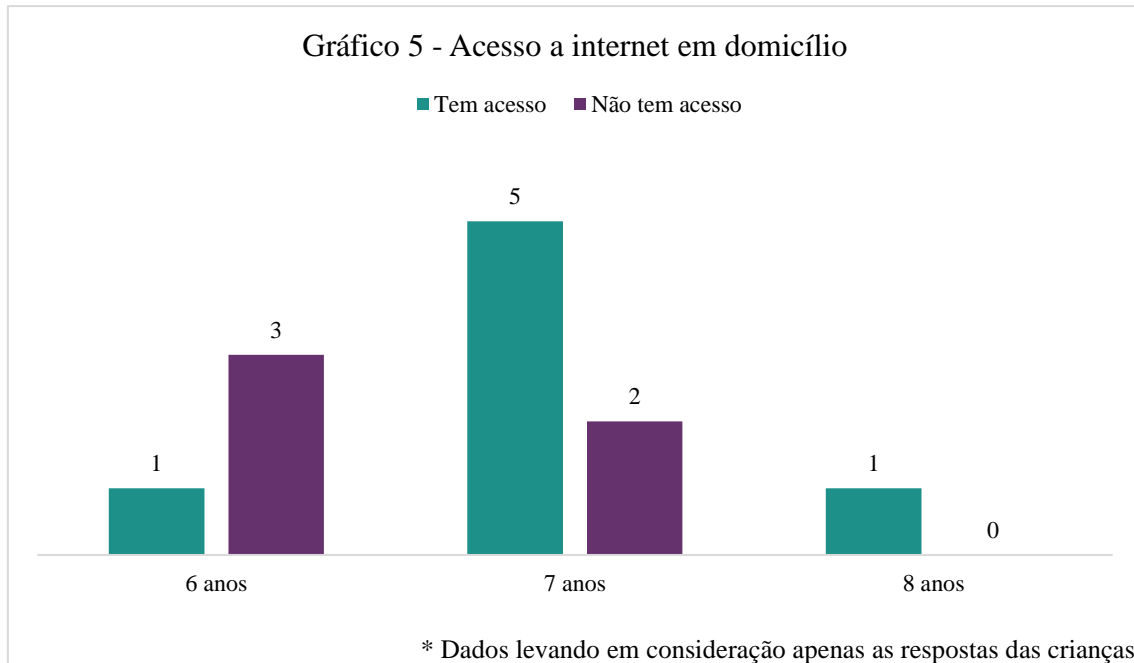
Por isso, decidiu-se estudar mais profundamente a relação desses sujeitos com a internet. Deve-se ter em mente que a tela do computador muitas vezes serve de meio básico para a entrada no ciberespaço, assim como o celular, tablet e outros dispositivos, já que tornam possível a interconexão e transmissão de informações (LÉVY, 1999). Para que essa compreensão possa ser o máximo verossímil possível, as respostas dos responsáveis serão de suma importância.

Para se conectar ao ciberespaço é necessário a posse de algum tipo de dispositivo capaz de conexão. Assim, a maioria das crianças declarou ter posse de computador no ambiente familiar. Se analisarmos por idade, perceberemos, porém, uma grande discrepância dentro das faixas etárias. A posse do dispositivo se encontra principalmente na faixa dos sete anos para cima, as crianças de seis anos têm carência de acesso.

Quando perguntados sobre o que utilizavam para realizar a conexão, todos alunos do segundo ano, predominantemente de sete anos, responderam computador. As crianças do primeiro ano, maioria de seis anos, se confundiram em suas respostas, e falaram tablets, celulares dos pais e computador, embora apenas três crianças declararam ter acesso a esses dispositivos em casa.

Em relação ao uso e porte de celular, quatro crianças declararam ter porte de celular, sendo a maioria com sete anos. Porém, as crianças de seis anos, declararam utilizar os aparelhos dos pais e parentes, inclusive fora do ambiente domiciliar.

Além do dispositivo é necessário a possibilidade de acesso à internet. Das crianças que têm acesso ao computador em casa, apenas uma declarou não ter acesso a rede. Porém, se compararmos com todas as crianças entrevistadas, veremos que apenas 58% têm acesso. As crianças de sete anos também são as que dispõem de prioridade de acesso, como pode ser visto no gráfico abaixo.



Fonte: elaborado pela autora

Embora a maioria das crianças de seis anos não ter declarado possuir acesso a rede em casa, muitas declaram realizar o acesso em outros locais. Uma aluna declarou que entra na internet na casa da vizinha e acessa através do celular da mãe. Outro afirmou utilizar na casa da avó e pelo celular da mãe.

Percebe-se que a maioria das crianças com computador tem irmãos mais velhos e que são priorizados para o uso. São os irmãos que têm celular e usam para acessar a internet. Os que não têm irmãos, têm mães e avós que utilizam a máquina e acabam por deixar que as crianças também a utilizem.

Embora a criança de oito anos dissesse ter acesso a rede em casa, seu responsável declarou não permitir que o filho utilize internet. Todavia, ele diz utilizar internet na casa de parentes para conversar com a família. Essa resposta contraditória de ambos nos mostra que mesmo não tendo o acesso diário as crianças tentam e anseiam estar conectadas de alguma forma. Além disso, que os adultos desconhecem as ferramentas e não compreendem a internet, mesmo que estejam diariamente conectados.

Tendo em vista a renda familiar declarada pelos pais, discutida no 4.2.1., pode-se compreender a falta de acesso das crianças às TIC. Fazem parte da população brasileira que vive à margem, sem acesso as tecnologias, e logo, sem acesso à rede.

Compreende-se também que nas famílias que têm acesso, o computador ou dispositivo não pertence unicamente a criança. Nenhuma das crianças respondentes declarou que o computador é de seu uso único, pelo contrário, dividem a máquina com todo o núcleo familiar.

#### 4.1.3 O que as crianças fazem na internet

As crianças, consumidoras de internet, realizam diariamente uma gama de atividades na rede. Grande parte dessas atividades está voltada para o entretenimento. Isso se dá, muitas vezes, pela troca das tarefas tradicionais analógicas para a realização de tarefas digitais.

O ato de jogar, por exemplo, tradicionalmente é uma atividade que se faz na rua, ou em uma roda de amigos. Hoje, porém, pode ser realizada atrás de uma tela de celular sozinho ou em uma rede com várias pessoas diferentes. O ato presencial se tornou digital e online.

O jogo é a atividade que as crianças entrevistadas mais realizam na internet ou nos computadores, como pode ser visto no gráfico 6. Para essa resposta foi levado em consideração também aqueles que não têm posse de dispositivos em suas casas, mas utilizam de parentes ou amigos e ainda na escola.



Fonte: elaborado pela autora

Logo em seguida, a atividade assistir vídeos também faz parte da realidade da maioria das crianças. Durante a resposta dessa questão as crianças compartilharam umas com as outras os vídeos que mais assistiam, bem como os jogos que estavam jogando no momento.



Isso mostra como a televisão tem migrado para a internet. Cada vez mais as crianças passam a ver TV na rede, no *YouTube* ou em outros sites. Um exemplo disso é o canal do *YouTube* “Galinha Pintadinha”. Este tem mais de 4 milhões de inscritos e mais de 3 bilhões de visualizações.<sup>3</sup> É o canal com maior número de visualizações do Brasil.

Seu público alvo são as crianças. Seus vídeos contêm galinhas e outros animais coloridos que cantam alegremente músicas infantis. Depois do sucesso no site, os criadores expandiram suas mídias. Existem vários produtos da marca, como jogos, brinquedos, aplicativos, livros, roupas, produtos escolares. Além disso, os vídeos viraram peças teatrais que já passaram por vários estados brasileiros.

A outra atividade mais realizada pelas crianças é ouvir música. Cinco das crianças de sete anos disseram gostar muito de realizar essa atividade. Durante a entrevista todos ficaram eufóricos para responder e partilhar com os amigos as músicas que estavam ouvindo mais.

Uma criança compartilhou durante a questão “Eu abro o *YouTube* e fico ouvindo lá, eu escuto música de *Minecraft*”. *Minecraft* é um jogo muito famoso entre crianças e jovens internautas. Vemos aqui mais um exemplo de como as crianças sofrem e vivem a convergência atual das mídias.

Nesse caso, além de jogar, as crianças entram no *YouTube* para ouvir músicas do jogo. O vídeo chamado “Minecraft Música 🎵 - COM MEUS AMIGOS | Animation Minecraft (Feat. Brancoala)” do canal *AuthenticGames* tem mais de 13 milhões<sup>4</sup> de visualizações no *YouTube*. O vídeo é uma paródia em português da música *Treasure* do Bruno Mars, que fala de jogar e se divertir com os amigos no jogo.

Os pais veem essa utilização das suas próprias formas e visões. Eles acreditam que as crianças utilizam a rede para executar as seguintes atividades: estudar, conversar com parentes, jogar, assistir desenho, assistir filmes, conversar nos jogos, aprender novas palavras e baixar jogos. A maioria dos pais acreditam que seus filhos jogam na internet, e não estão errados.

As crianças de sete anos declaram que a atividade que mais sentem prazer em realizar é pesquisar e assistir vídeos, além de ver filmes. Falaram também que gostam muito de jogar e baixar jogos. Percebe-se que no ambiente da internet as crianças realizam as atividades que

---

<sup>3</sup> Dados disponibilizados pelo site socialblade.com

<sup>4</sup> Dados disponíveis no YouTube.

mais gostam. De forma geral constata-se que este é um ambiente de alta segmentação, e os mesmos podem realizar suas tarefas favoritas.

Foi percebido pela pesquisadora que as crianças de seis anos não faziam o uso de internet, tampouco compreendiam essa nova tecnologia da informação. Por conta disso, o questionário realizado com elas sofreu alterações e elas responderam menos questões que as crianças do segundo ano, principalmente no que diz respeito à forma de uso da rede.

Assim, foi perguntado para crianças de sete anos se tinham e-mail, elas pareceram confusas com essa questão. Duas declaram que tem contas de e-mails próprias. Porém, parecia que não compreendiam muito bem a ferramenta. Quando perguntadas para que usavam as contas, não souberam responder. Uma aluna afirmou “Fico brincando com meus amigos” e outro “Eu fico jogando on-line”.

Ao ligarem o computador, as crianças relataram que a primeira coisa que fazem é entrar no *Google* e ir para o site de jogos. Provavelmente pesquisam os jogos no *Google*, que dependendo do navegador que utilizam, será a primeira página. As crianças mais entendidas declaram também abrir várias páginas ao mesmo tempo, dizem poder fazer mais coisas assim.

Ao serem perguntadas sobre quem as havia ensinado a mexer na internet e no computador, todas se mostraram autossuficientes. Disseram que nunca ninguém as ensinou, sentaram no computador e já foram mexendo, pegando apenas umas dicas dos mais velhos.

As professoras pesquisadas, porém, declararam já ter ensinado as crianças a utilizar internet pelo menos uma vez. As crianças, porém, podem ter aprendido o básico sozinhas, antes do contato com as professoras.

#### 4.1.4 Local de uso e tempo

Sabe-se que as crianças têm atividades rotineiras, assim como os adultos. Normalmente têm hora certa de acordar e dormir, hora para tomar banho, realizar refeições, ir para escola, fazer tarefas de casa. É lógico, assim, se esperar que tenham tempo determinado em suas rotinas para o acesso e utilização de internet e tecnologias.

Muitas vezes o tempo em que ficam conectadas toma o espaço de atividades tradicionais, presenciais e familiares. Sabe-se popularmente que nos últimos tempos as crianças

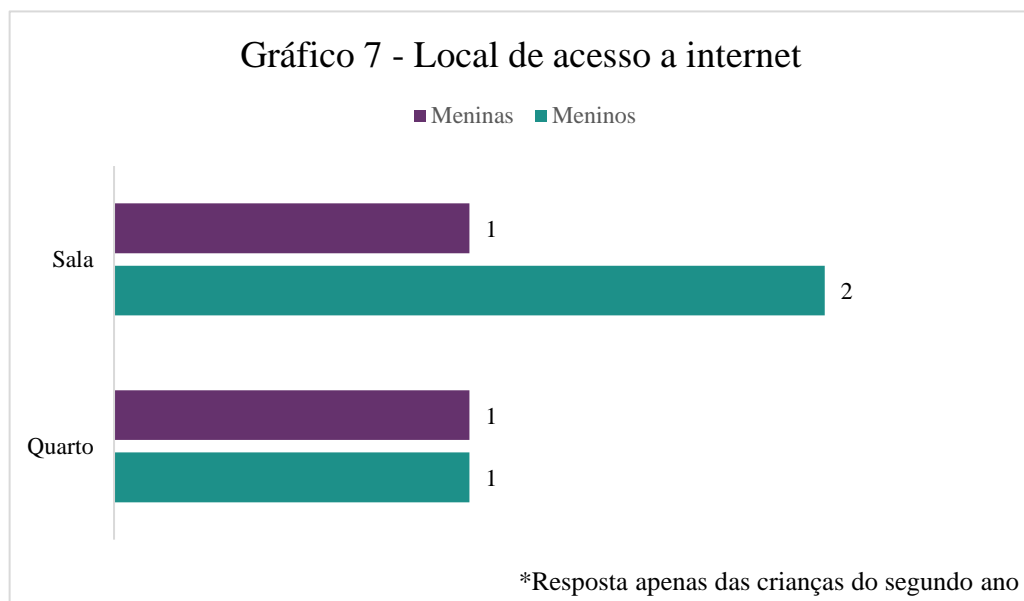
estão saindo de casa cada vez menos. Em seus tempos livres ficam em casa realizando tarefas gradativamente mais sedentárias.

As cinco crianças do segundo ano que têm acesso à internet dedicam uma parte de suas agendas para tal. Em sua maioria ficam conectadas ao chegar em casa, depois da escola. Como estudam no período vespertino, se conectam à noite. Um dos alunos afirmou utilizar apenas aos sábados no período da tarde e outra apenas pelas manhãs antes de ir para o colégio.

Quando perguntados sobre o tempo que dispõem para ficar conectados, pareceram não ter muita compreensão, como se nunca tivessem contado. O aluno que só utiliza apenas nos sábados à tarde, diz com convicção que fica apenas 1 hora. Os outros, porém, dizem ficar “Até tarde” ou “minha vó dorme e eu ainda estou no computador”. A aluna que acessa sempre pelas manhãs, diz não saber quanto tempo fica conectada, “Fico até a hora de me arrumar pra aula”.

Para a maioria dos responsáveis as crianças ficam o tempo necessário na internet, não existe exageros. Já as professoras dizem não conseguir perceber, já que não têm acesso à internet na escola, este ponto será discutido mais à frente.

Em relação ao lugar onde acessam internet, a maioria utiliza na sala de casa. O que retoma a discussão sobre a troca de telas dentro do lar. Da tela da TV a tela do computador. O gráfico a seguir exemplifica melhor essa relação entre os meninos e as meninas de sete anos.



Fonte: elaborado pela autora

Os diálogos e os dados mostram o que os pesquisadores já apontavam. As crianças perdem a noção de tempo analógico quando conectadas. Se perdem no ciberespaço e esquecem das horas reais.

Além disso, o grande aparelho de entretenimento tem perdido seu lugar nas salas dos lares brasileiros. Cada vez mais as televisões têm ficado em segundo plano, enquanto as telas dos computadores têm ganhado um espaço cada vez maior. É válido ressaltar que uma não substitui a outra, as duas vivem no mesmo ambiente.

#### 4.1.5 Internet na escola

Como relatado anteriormente, a Escola Classe 10 de Sobradinho é uma das seis escolas de Brasília que participam do Projeto Um Computador por Aluno (PROUCA). Existem na escola mais de 500 laptops e conexão de *Wi-Fi* para toda área do colégio. O governo de fato proporcionou um computador por aluno e internet.

Porém, os laptops não acessam a internet. Segundo relatos do diretor, eles acessavam, porém, sofreram uma modificação no software e por conta disso deixaram de realizar o acesso. As professoras relatam que a rede nunca suportou o grande número de computadores conectados, e por isso o acesso nunca foi realizado de forma eficaz.

No sistema já vem previamente instalado alguns jogos pedagógicos que deveriam auxiliar na aprendizagem das aulas expositivas, como jogos de quebra-cabeça. Além disso, tem editor de texto para auxiliar na escrita dos alunos e programas educativos. Dentre estes têm de matemática, português, ciência e várias outras ferramentas.

Porém, segundo o diretor, alguns professores são extremamente tradicionais. Não utilizam celular, não sabem mexer nas novas tecnologias da informação e têm verdadeira fobia por tecnologia. O que faz com que esses não utilizem os laptops de forma correta e a sala se torna um vídeo game. Nessas salas a hora de ligar os laptops é a hora da recreação.

Os professores sempre utilizam essas ferramentas e jogos com as crianças. Estas, relatam que ao ligar o computador primeiro realizam atividades pedagógicas, falam algo como “jogo de continha”, que provavelmente se refere a ferramenta de aprendizagem de matemática. Depois da realização da tarefa eles dizem estar livres para jogar.

A percepção das crianças em relação a internet na escola é que ela de fato existe, mas o laptop não acessa. Relatam que a professora sempre mostra as letras na internet e as vezes mostra algumas outras coisas. Os alunos de seis anos dizem que a professora passa alguns vídeos.

De fato, a professora do primeiro ano diz utilizar internet em suas aulas, mesmo os computadores não conectando. Diz ainda mostrar páginas específicas para os seus alunos. Provavelmente utilize um computador próprio para tal. Algumas crianças não consideram essa exemplificação como forma de se ter internet em sala de aula.

A mesma professora relata utilizar internet pelo período de duas horas diárias. Diz preparar os assuntos previamente em casa e levar para a sala como uma “rodinha de conversa”.

Assim, nenhuma criança interage de forma pessoal com a rede durante as aulas. De acordo com o diretor existe um laboratório de informática que acessa a rede. Porém, ele tem poucos computadores e não daria para cada aluno da turma utilizar um.

Como eles já tem o laptop em sala de aula, os professores não precisam mais da sala de informática, e não a utilizam. Esta passou a ser utilizada apenas para outros projetos, como a educação integral. Os computadores têm três programas instalados, matemática em foco, português em foco e ciência em foco.

Alguns computadores conectam à rede, mas não todos. Uma atualização do software foi realizada para tentar sanar essa deficiência, porém, não foi obtido sucesso. As crianças dizem que as vezes tentam, mas “O computador da escola não entra na internet, não deixa acessar o *Google*”. O único acesso que tem em sala de aula é quando a professora leva exemplo para as aulas, como citado acima.

Nem todas as crianças pareceram animadas para utilizar internet na aula, se isso fosse possível. Os alunos de seis anos dizem que somente se fosse para utilizar na hora do intervalo. “Na hora da aula a tia ia brigar e ninguém ia obedecer”. Para eles o acesso a rede é sempre relacionado com o entretenimento e não veem como isso poderia ser utilizado na sala de aula.

Diferentemente desses, os de sete anos acham que podia ser legal, que podia ajudar. Mas outros não acham que seria boa ideia. A maioria acha que poderia contribuir para o aprendizado, já que poderiam pesquisar vários assuntos relativos ao que estão aprendendo. Esses se mostraram muito empolgados com a ideia.

Para os pais, é interessante a utilização de internet na escola. Eles acreditam que os alunos poderiam pesquisar assuntos relacionados com que aprenderam na sala de aula e poderia ajudá-los na formação pedagógica. A maioria, porém, acredita que essa utilização apenas funcionaria mediante um controle.

As professoras acreditam que é importante para as crianças utilizar internet na sala de aula. Para elas a internet tem um grande poder pedagógico pelo fato de conter diversos sites e blogs e por acelerar o desenvolvimento intelectual das crianças. Usam, porém, palavras como complementar e suporte para as aulas.

Para elas o fato de se poder trabalhar com diferentes mídias, em um mesmo espaço, torna a internet tão importante e pode ajudar no processo de aprendizagem. “Podemos trabalhar com textos, jogos, vídeos e imagens”, relata uma professora. Segundo Miranda e Simeão (2014), essa convergência de som, imagem e texto que cria um único sentido, seria animaverbivocovisualidade ou AV3.

É percebido por elas na sala de aula, que a internet possibilita um esclarecimento maior de dúvidas. Além disso, é um suporte educativo inovador, aos olhos das crianças, que podem assim ter um maior interesse pelo conteúdo apresentado.

Na visão dos alunos as professoras acham que internet é importante. Uma aluna de sete anos declara “A nossa professora fica toda hora mexendo no celular”, querendo dizer que ela acha importante já que sempre está mexendo. Já os de seis anos acham que a professora acha importante usar apenas em casa, não na escola.

#### 4.1.6 Estudar na internet

Segundo Pierre Lévy “O ciberespaço como suporte da inteligência coletiva é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento (...) fornece a essa inteligência um ambiente propício” (LÉVY, 1999, p. 29). Assim, a internet não é apenas um suporte educativo na escola, mas também em casa ou em qualquer ambiente onde seja possível a conexão.

Os benefícios do compartilhamento de conhecimentos são válidos também para as crianças, mesmo as em etapa de formação primária. Para que isso aconteça é preciso um incentivo por parte de pais e professores, para que gere interesse nos alunos. Os professores deveriam assumir as competências de mediadores do conhecimento. (Lévy, 1999)

Para que isso aconteça, primeiramente deve ser dado as crianças o suporte básico. Ela precisa ter algum tipo de acesso à rede, sem conexão não é possível participar ativamente da inteligência coletiva. Além disso, elas devem saber realizar pesquisas e entender o potencial das informações contidas na internet.

Esse suporte não foi encontrado nas crianças, principalmente nas de seis anos. Estas, dizem não saber ao certo o que é pesquisar ou se alguma vez já o fizeram. Duas alunas da turma disseram já haver pesquisado no *Google*, alguma vez.

Em contrapartida, todos os alunos de sete anos dizem já ter pesquisado alguma vez e relatam sempre utilizar o *Google* como ferramenta de pesquisa. Isso, porém, não descreve uma pesquisa educativa, tendo em vista que nenhum dos alunos entrevistados disse utilizar alguma vez sites como o Brasil Escola<sup>5</sup> ou correlatos. As professoras relatam, porém, já ter alguma vez ensinado os alunos a utilizarem internet.

A realização de tarefas escolares que necessitem do acesso a rede para execução, pode ser de grande ajuda para que o contato das crianças com esse meio aconteça. A professora do segundo ano relatou que já passou uma atividade para as crianças realizarem na internet, pelo menos alguma vez.

Assim, os alunos de sete anos relataram já ter utilizado internet para a realização de exercícios escolares, embora um aluno tenha lembrado os outros desse acontecido. Disseram ter realizado um texto que necessitava de informações contidas na rede. As crianças de seis anos, porém, dizem nunca ter feito atividades da escola na internet na própria escola ou em casa.

Neste sentido, foi perguntado para as crianças se as mesmas acreditavam ser possível aprender na internet, no que diz respeito a assuntos educativos. Para os alunos de seis anos é viável conhecer coisas novas na rede. Já as de sete anos não veem essa possibilidade. Apenas um aluno diz que poderia aprender coisas como o alfabeto, por exemplo.

As crianças de sete anos não souberam compreender o que era pesquisar assuntos que dizem respeito ao que aprenderam na sala de aula. Um aluno declarou que para realizar tal tarefa é “Só digitar lá no *Google* Escola Classe 10 de Sobradinho e você entra lá”. É visível aqui uma troca de valores.

---

<sup>5</sup> <http://brasilecola.uol.com.br/>

Para as professoras é possível que as crianças aprendam na internet. Segundo elas, para que isso aconteça é necessário um acompanhamento e planejamento prévio, “Se houver um trabalho bem planejado a internet pode ser uma excelente ferramenta”.

Já os pais acham interessante a utilização de internet para a execução de trabalhos e pesquisas escolares, porém, ainda acham os livros mais importantes. Para eles só daria certo se tivesse um adulto para assessorá-los e o uso deveria ser limitado.

A maioria dos pais acredita que as crianças podem aprender na internet. Para eles a internet contém um grande conhecimento que pode ser aprendido pelas crianças. Apenas uma respondente não acredita que as crianças podem aprender na internet. Para ela, apenas quando tiver idade poderia aprender alguma coisa.

Para os pais que acreditam no poder de aprendizado na internet, os filhos poderiam ter contato com o mundo através da rede. Dizem que as crianças muitas vezes sabem mais que eles mesmos. Falam que elas podem aprender línguas diferentes, letras, além de outros conteúdos educativos.

O fato de as crianças não saberem e não acessarem internet para pesquisar assuntos condizentes ao estudo de sala de aula é o reflexo da exclusão digital que vivem, apresentado no 4.1.1. Tendo em vista que a maioria não tem acesso à internet no ambiente doméstico, tão pouco no ambiente escolar, é inviável que a pesquisa aconteça por falta de suplementos básicos.

É compreensível, assim, que as professoras não passem atividades para casa em que a realização só se faz possível com a utilização da internet. Se passassem esse tipo de exercício, a maioria de seus alunos não teriam condições de realizá-las e seriam prejudicados.

#### 4.1.7 Perigo na rede

Todos os usuários de internet estão sujeitos a uma série de perigos e riscos na rede. Existem milhares de pessoas conectadas com diferentes propósitos, tanto de boa como de má índole. Devido a isso, deve-se criar formas de combate e proteção.

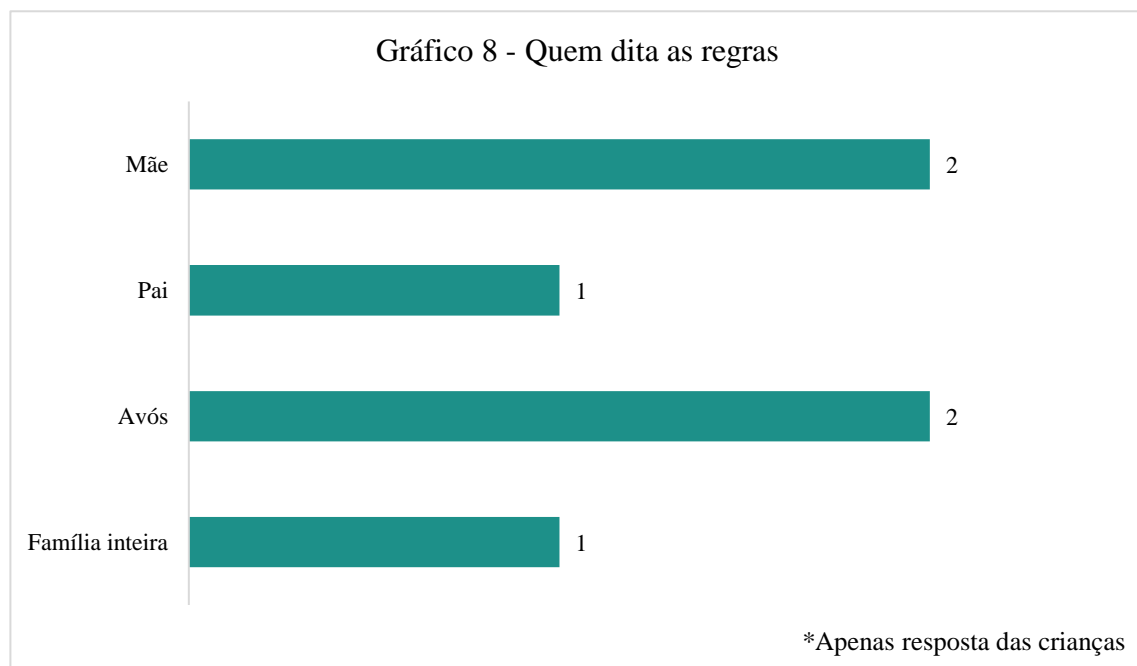
As crianças são naturalmente seres em desenvolvimento e por isso, são vulneráveis a um grande número de riscos de vários tipos. A internet aumenta sua vulnerabilidade, tendo em vista a falta de compreensão de vários assuntos e sua inocência natural.



Dentre os riscos que as crianças correm na internet, existe a possibilidade de anonimato dos usuários proporcionada pela rede. Estes podem criar perfis falsos e ser qualquer pessoa. Este fato deve gerar grande preocupação e cautela nos pais e responsáveis, que devem sempre acompanhar as crianças.

Outro perigo para as crianças é a pornografia infantil, que tem se tornado uma preocupação da Organização Mundial da Saúde (OMS). Além disso, o tráfico de pessoas que pode se caracterizar como exploração sexual, exploração do trabalho e adoção irregular. Existe ainda o *cyberbullying*, um grande problema que vem afetando não só as crianças, mas muitos adultos.

Para proteger as crianças é necessário que algumas atitudes sejam adotadas pelos seus tutores, como regras para utilização e observação das atividades realizadas. Assim, metade das crianças entrevistadas disseram que existem regras em sua casa sobre mexer na internet ou computador. Em sua maioria as mães e as avós que ditam as regras como pode ser visto no gráfico a seguir.



Fonte: elaborado pela autora

É percebido, porém, que essas regras não tem relação com o uso de internet ou controle esperado pelos pais. Na maioria das vezes elas são sobre tempo de uso, quando pode mexer no computador, quem é próximo a jogar e sobre não comer ao utilizar o computador.

Existem também penalidades para essas regras. Estas, em sua maioria tem relação com castigos físicos. Uma criança declarou “Se não obedecer, a chinelada”, e outra disse que “Se não deixar você jogar dá um porrete nele”.

Vale ressaltar que nem todas as crianças que têm acesso à internet disseram que existem regras em casa. Embora os pais declarassem que tomavam medidas de preocupação.

As crianças de sete anos não acham essas regras legais, acham horríveis e desnecessárias. Um aluno declarou “Eu acho chata, acho horrível, particularmente bizarra”. Já as de seis anos dizem que é legal, embora a maioria não tenha acesso à rede.

As de seis anos em sua maioria acham que a internet é perigosa para as crianças. Afirmam que você pode ver alguma coisa que não poderia, pode dar problema em alguma coisa e “Porque alguém pode falar com você e marcar um encontro com você e depois sequestrar”. Como elas não tem acesso à internet, é compreensível que foram ensinadas por alguém sobre os riscos que poderiam correr.

Nem todas as de sete anos acham que internet é perigosa para as crianças. Em sua maioria acham que os perigos estão no fato de poder quebrar o computador ou mexer em alguma coisa e não funcionar tão bem. A única aluna do grupo que não tem acesso à rede declara que a internet é perigosa “Porque tem coisas que bota na internet que crianças não podem ver”.

As professoras acreditam que a internet é perigosa para as crianças e dizem ter o costume de falar sobre os perigos com os alunos. Segundo elas é necessário um acompanhamento e monitoramento dos adultos, para que as crianças não acessem coisas erradas.

Todos os pais entrevistados acham acreditam nos riscos que a internet pode causar para as crianças. Apenas três pais acreditam que o perigo acontece por conta da pedofilia infantil. Outros acham que o problema está na inocência das crianças que pode ser corrompida por pessoas mal-intencionadas.

Apenas um responsável respondente vê problemas na parte mecânica do computador, acredita que o grande risco que as crianças correm está relacionado com vírus. Duas mães acreditam que a internet pode prejudicar no desenvolvimento intelectual das crianças, que poderia fazer com que elas parassem de estudar. Estas em questão, alegaram não ter acesso a rede em casa.

As crianças de sete anos declararam já ter feito amigos pela internet. Ao responderem essa questão citaram os nomes dos amigos que conheceram na rede. Muitas vezes os jogos e

sites de jogos online proporcionam essa interação com outras pessoas, o que ocasiona na possibilidade de fazer novas amizades.

Espera-se que os pais e responsáveis estejam sempre atentos e observando o que as crianças falam na rede e com quem. Dos pais que declaram ter acesso à rede em casa, apenas dois disseram não observar os filhos durante a utilização. Alguns dizem fazer essa observação limitando o tempo de uso dos filhos. Outros dizem observar o que o filho faz e assiste.

Embora não tenha acesso a internet nas salas de aula, os alunos sempre estão em contato com o laptop, seja para realizar tarefas relativas ao que foi ensinado em sala de aula ou como forma de recreação. As professoras dizem sempre observar o que os alunos fazem quando utilizam a ferramenta.

Quando perguntados sobre o que acham das regras, os pais dizem que entendem o ato como importante. Alguns relatam que são necessárias para não deixar as crianças viciadas e que elas precisam de limites. Uma respondente diz que é importante para ensinar as crianças a buscar coisas boas da vida.

Para uma professora, nem todos os pais e professores estão preparados para informar corretamente as crianças sobre os perigos e problemas que o uso da internet traz. Os alunos ainda não têm maturidade para reconhecer os perigos, e logo, para agir de forma sábia diante deles.

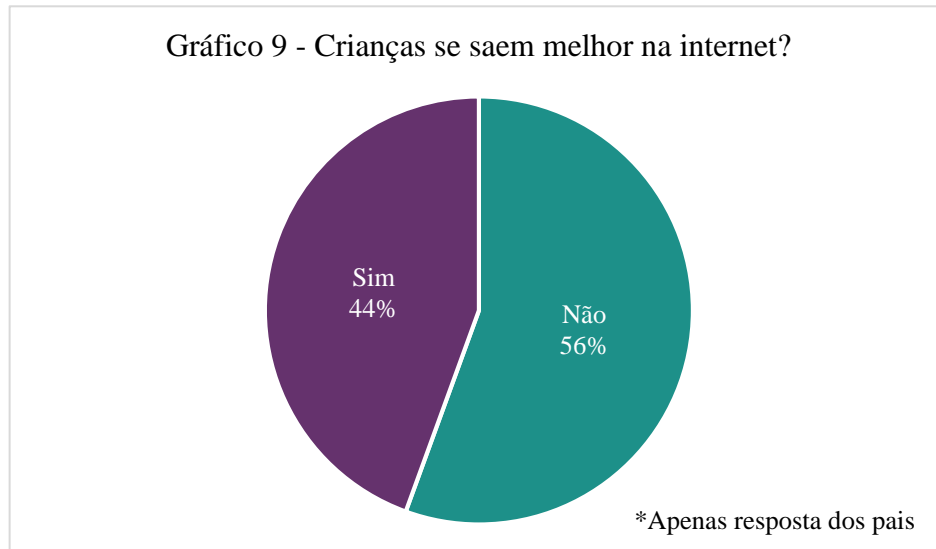
É importante também falar com as crianças sobre esses riscos. Apenas proibir e observar não gera a maior eficiência na precaução de problemas. Os pais em sua maioria responderam que falam com seus filhos sobre os perigos na rede, até mesmo os que não tem acesso à internet em suas casas.

#### 4.1.8 Como as crianças entendem a internet

As crianças percebem o mundo de suas próprias formas e criam visões únicas a partir do que vivem. Assim, veem e utilizam a internet de forma diferente de pessoas de idades e realidades distintas.

Para as crianças entrevistadas seus pais ou responsáveis sabem mexer na internet. Alguns dizem que seus pais demonstram grande habilidade e passam bastante tempo

conectados. Para os pais, as crianças não se saem melhor que eles na rede, como pode ser visto no gráfico abaixo.



Fonte: elaborado pela autora

Foi perguntado para as crianças como elas entendem a internet e para qual sua serventia, a partir de suas visões. As de seis anos dizem que internet serve para brincar, mexer no computador, utilizar *Facebook*, assistir, conversar com família de longe e aprender a ler e escrever.

Percebe-se que a internet está no imaginário das crianças principalmente no que diz respeito ao entretenimento. As crianças menores ainda não compreendem as possibilidades que a conexão pode trazer, para elas as atividades básicas que realizam são as únicas possíveis e necessárias.

As crianças de sete anos tinham mais conclusões sobre a serventia de internet. Para eles internet é para acessar coisas, chamar a polícia, fazer um trabalho importante, fazer joguinhos, pegar fotos, baixar música e pesquisar. Uma aluna disse que internet também serve para aprender, porque a professora sempre mostra letras do alfabeto na internet.

É interessante observar que embora as crianças maiores joguem e assistam vídeos na internet não citaram essas atividades como utilidade da rede. Parecem citar tarefas que realmente precisem de internet, como baixar música ou realizar trabalhos importantes que necessitem de pesquisa.

Além disso, a única aluna da turma que não tem acesso à internet percebe que a atividade mais importante é aprender. Para ela, o fato de a professora tentar ensiná-los utilizando algo que está na rede, deve ser destacado como utilidade.

É perceptível que essas crianças ainda não compreendem todo o potencial da internet e tudo o que se pode fazer com ela. Porém, as crianças maiores estão um passo à frente das menores, no que diz respeito ao entendimento que já alcançaram.

## 4.2 Impressões

### 4.2.1 Primeiras impressões

As entrevistas foram realizadas na sala da biblioteca, havia mesas redondas com cadeiras, de forma que a entrevistadora e as seis crianças se sentaram em torno de uma mesa. A pesquisa com as crianças de sete anos foi realizada no primeiro dia e as de seis anos no segundo dia.

No momento da pesquisa os alunos escolhidos pelas professoras foram buscados em suas salas de aula. Na sala do primeiro ano, foi possível ver os alunos pegando seus laptops e desenrolando os fios do carregador. A impressão deixada foi que essa atividade era bastante corriqueira, sem sinal de euforia, era apenas mais uma tarefa banal escolar.

A turma de sete anos correspondeu as principais expectativas. Estavam todos sentados, rapidamente adotaram o sistema de levantar a mão para responder, embora essa regra não existisse. Em alguns momentos ficavam eufóricos com as questões e acabavam conversando com o colega do lado enquanto outro falava. Esse comportamento era o esperado, pelo fato da pesquisadora acreditar que as respostas espontâneas teriam mais verossimilhança da realidade do que as que foram incitadas.

Foi percebido que conforme as perguntas eram feitas algumas crianças tinham a resposta em mente e algumas não entendiam muito o que estava sendo perguntado. Depois de algumas falas elas tinham consciência da resposta e respondiam um tanto atrasadas.

Um aluno em questão chamou atenção nesse grupo. Ele estava sentado ao lado da pesquisadora e sempre era o último a responder. Suas respostas saíam depois que era incentivado a pensar por seus colegas e pela entrevistadora. Todos olhavam para ele esperando suas respostas. Às vezes, ele só concordava com a maioria, suas falas não pareciam verossímil.

A pesquisa com as crianças do primeiro ano, em sua maioria de seis anos, aconteceu no segundo dia de pesquisa. Por conta a com as crianças de sete anos ter acontecido primeiro, havia criado uma série de expectativas em relação a esse grupo, por conta da excelente resposta e participação que foi obtida dos outros alunos.

Ao chegarem na sala da biblioteca, as crianças não paravam de perguntar se as questões seriam sobre “Letrinhas” e “Por favor não pergunta de letrinhas”. Ficou perceptível aqui que as crianças não sabiam ler e nem escrever, estavam na fase de alfabetização.

Elas se mostravam muito inquietas, queriam brincar e não responder questões sobre internet. Perguntavam de onde saíram tantos livros, se podiam ir ao banheiro, porque estavam respondendo isso. Se mexiam constantemente, como se quisessem estar em outro lugar. É compreensível que crianças de seis anos não consigam prender sua atenção tão bem como as maiores.

Logo no começo foi percebido que a entrevista ia ser muito diferente da outra turma. Elas estavam caladas, como se fossem muito obedientes. Não usaram a mesma técnica que as crianças do segundo ano, de levantar as mãos. O que levou a entrevistadora a sempre falar os nomes, já que não se pretendia ditar essa regra para deixá-los livres para responder. Pouco comentavam as questões, respondiam sim e não. Apenas quando os instigava se obtinha uma resposta mais elaborada.

Em todo momento que estavam na sala da biblioteca um aluno sempre lembrava que lá era lugar de silêncio, e não deveria conversar ali. Foi percebido que eram muito disciplinados, principalmente na hora de sair. Nessa hora, eles pediram para fazer uma fila e segurar na mão. E voltaram para a sala de aula enfileirados por regra deles, não da pesquisadora.

Em várias conversas realizadas com o diretor da escola foi percebido uma imensa insatisfação pessoal em relação ao projeto e a forma que tomou na escola. No primeiro contato realizado, por telefone, a primeira coisa que disse foi “Se você quer fazer a pesquisa aqui por conta do UCA, saiba que não funciona”. Cada vez que haviam conversas era notado mais frustração e insatisfação.

Em uma primeira conversa informal realizada, para que ele compreendesse os objetivos da pesquisa, informou que os computadores tinham um sistema pesado, não conectavam na internet e transformava o momento do uso em uma aula de recreação. Além disso, disse que os professores não estão preparados para o uso das TIC e permitem que a sala se transforme em vídeo game.

Para realizar a pesquisa foram necessárias várias idas à escola e foi possível observar o clima das pessoas que trabalhavam ali. Pareciam todas muito contentes, sempre atenderam com maior respeito possível. Isso se refletia nas professoras das turmas onde foi realizada a pesquisa, demonstravam grande simpatia.

A escolha das professoras pareceu algo pensado, já que o diretor escolheu as turmas com as professoras que achava que melhor responderiam a pesquisa. Durante a entrevista, ele teve que parar para resolver um problema com alguns professores e voltou extremamente chateado pelo fato desses não utilizarem as ferramentas tecnológicas que tinham em mãos e assim, dificultarem o processo.

Ao observar as crianças no intervalo, certa vez, foi percebido um grupo de uns três ou quatro meninos em roda. Estavam todos acompanhando um dos colegas jogar em um celular. Quando mais eufóricos começaram a gritar “Você não sabe jogar esse jogo não” e “Bota o seu carrinho pra lá”. Outra vez, uma menina corria com um celular de brinquedo na mão, e mostrava para suas amigas o aparelho de mentira, como se fosse um grande presente.

Desde então foi possível perceber que as crianças não tinham um contato maior com as novas tecnologias. Já era sabido antes de começar a pesquisa com as crianças que elas não tinham acesso total a internet na escola, e talvez nem em casa. Podia ser percebido durante os intervalos elas faziam atividades tradicionais, brincavam de pular corda e bambolê. Durante os dias que esses horários foram observados, apenas uma vez foi presenciado a utilização de celulares.

#### 4.2.2 Impressões da pesquisa

As crianças do segundo ano, no geral, se saíram melhor na entrevista do que as do primeiro ano. Talvez porque já tinham um ano de experiência com os laptops da escola e por isso sabiam responder melhor. Um ano de idade pode também fazer grande diferença no amadurecimento das crianças. Ou talvez foi apenas o acaso.

É perceptível, porém, dentre as crianças de sete anos uma diferença de entendimentos. A única do segundo ano que não tinha computador ou acesso a rede, por exemplo, parecia não achar divertido internet, mesmo com os colegas falando como era legal. Quando perguntada se

ia ser bom utilizar internet na escola ela disse que não, que não precisava disso, enquanto os outros se animavam com a ideia.

A escola de forma geral esperava mais do projeto e de fato acreditava que a internet e os computadores poderiam ajudar na aprendizagem. O diretor, que inclusive tem uma especificação na área, ainda acredita que a educação pode evoluir com a ascensão e a utilização correta das TIC. Durante a entrevista chega a comentar que tenta promover palestras para os professores e estimulá-los para melhor utilizar os dispositivos.

É válido ressaltar que esse ano a escola perdeu o apoio do MEC e da Secretaria de Educação do DF. Antes tinha um coordenador do projeto na escola que tentava orientar os professores, não existe mais esse orientador. Isso prejudica ainda mais o andamento do projeto.

A direção da escola entende o PROUCA como uma oportunidade. Mesmo sem acessar totalmente a internet eles acreditam que o programa tem potencial, devido aos aplicativos que estão instalados. Além disso, é uma forma de promover inclusão digital. Isso, porém, não faz com que a insatisfação da escola diminua.

Em relação as atividades escolares a serem desenvolvidas na internet, é compreensível que em uma região de baixa renda, como a que a escola abrange, as professoras não enviem trabalhos para serem realizados com a ajuda da internet para casa. Tendo em vista que uma grande parcela dos alunos não poderia completar a atividade por não poder acessar a rede.

Porém, esses e outros fatores, levam as crianças a não compreender a internet como uma ferramenta de estudo, onde se é possível aprender. A maioria não acredita nesse potencial e acha que ter internet na escola não seria uma boa ideia para os estudos, ela serve apenas para a diversão. Isso acontece devido ao fato das crianças apenas praticarem essa utilização.

O fato dos responsáveis não acreditarem no potencial da internet, influencia muito na forma como as crianças a compreendem. Além disso, é percebido neles uma preocupação com vícios relativos ao uso, porque só veem possibilidades de entretenimento.

Embora a escola tenha computadores para cada aluno, ainda é extremamente tradicional e segue modelos antigos de ensino. Enquanto era esperado as crianças terminarem uma atividade para que pudessem realizar as entrevistas, foi percebido uma professora carregando uma televisão bem antiga, em uma estrutura de ferro que parecia bastante pesada. Levou para sua sala de primeiro ano, sentou as crianças em volta e passou um filme.



Essa cena foi muito intrigante, por ser a forma da professora sair do tradicionalismo. A aparelhagem lembra muito os dispositivos antigos, e com certeza está na escola há muitos anos. Isso mostra como a tecnologia entrou na escola, mas os professores não sabem utilizar e ela acaba ficando guardada.

As duas professoras entrevistadas foram pré-escolhidas pela direção porque tinham características comuns. Diferente da maioria dos professores da escola, elas tentam romper com o ensino tradicional. Declaram durante a entrevista que utilizam internet para preparar suas aulas. Além disso, uma já fez curso para aprender a utilizar a internet e a outra, durante diálogos realizados, se mostrou entendida tecnologicamente.

Outra impressão que a pesquisa traz é a falta de preocupação com os perigos da rede. Tanto para os responsáveis como para as crianças os perigos são rasos e não dizem respeito aos verdadeiros riscos que as crianças correm ao estarem conectadas.

Mesmo em relação as facilidades pedagógicas que a internet promove, os pais estão preocupados com vícios e com a parte estrutural do computador. Acredito que devido à falta de maior estudo e compreensão do poder da internet, os pais acabam acreditando e levando em consideração pontos que são menos importantes.

#### 4.3 Resultados da pesquisa

Os dados e apontamentos alcançados graças a pesquisa de campo na Escola Classe 10 de Sobradinho, nos dão uma visão da realidade de crianças de seis e sete anos que têm vivências parecidas. Para um maior entendimento serão comparados os resultados com outras pesquisas e estudos.

Serão discutidos nos tópicos que se seguem os dados da pesquisa com as percepções da pesquisadora.

##### 4.3.1 Realidades de acesso

É percebido que nem todas as crianças entrevistadas têm acesso ao computador ou a internet. Esperava-se que devido a possibilidade de uso no ambiente escolar os alunos,

principalmente os maiores, teriam uma inserção maior no ambiente digital. Porém, não foram encontrados esses casos.

Poderíamos dizer que metade das crianças entrevistadas são excluídas do mundo digital. Vivem à margem da sociedade, não têm acesso à rede, não sabem utilizar as novas tecnologias. Os seus pais também não têm acesso.

Acontece, ainda, que muitos dos outros que têm acesso não sabem utilizar corretamente a rede ou não o fazem de forma esperada. Deste modo, as crianças deixam de aproveitar e utilizar os benefícios que a internet pode proporcionar.

(...) as novas tecnologias da informação e da comunicação estão relacionadas à produção de "desconectados" ou "excluídos", mas também às novas possibilidades de interagir, colaborar, representar, expressar identidades e pesquisar que há bem pouco tempo só existiam para pequenas elites culturais, acadêmicas e econômicas. (BUZATO, 2006, p.2)

Esta exclusão digital está diretamente ligada com à exclusão social e acontece, na maioria dos casos, pela condição econômica familiar. É sabido que as crianças entrevistadas vivem em um local de baixa renda, estudam em escola pública e tem renda familiar declarada baixa.

Os responsáveis declararam ainda não ter ensino superior, o nível de instrução pode ser considerado baixo. Além disso, muitos não têm trabalho remunerado. Assim, não têm condições financeiras para adquirir as novas tecnologias, o que ocasiona na carência de conhecimento sobre a internet, já que não tem acesso. Isso leva a uma falta de aspiração de possuir e realizar o acesso à rede.

O nível intelectual dos pais pode ser percebido em suas respostas. Eles não têm domínio da norma culta e têm vocabulário limitado. Algumas vezes a compreensão do que pretendiam falar foi difícil. Mesmo a maioria tendo se formado no ensino médio, não alcançaram um nível maior de conhecimento. O que é reflexo da forma que vivem, onde moram, onde seus filhos estudam, os trabalhos que possuem. Vivem à margem da sociedade.

Essa realidade vista na pesquisa não foge muito do que vivem as famílias brasileiras. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD) realizada em 2013, 58% dos pesquisados não realiza acesso contínuo a internet. A PNAD abrange todo o território brasileiro, o que levaria a dizer que 58% da população brasileira não tem acesso à internet. O que faz com que os que tenham acesso sejam privilegiados.

É percebido também nessa pesquisa que o acesso aumenta gradualmente conforme aumenta a renda mensal. Ou seja, aqueles que não tem condições financeiras são os mesmos

que não acessam. São excluídos tanto socialmente como digitalmente, devido à falta de condições econômicas.

Portanto, quando um cidadão não tem acesso às TICs, não se trata de ele simplesmente não ter acesso a uma tecnologia, e sim a uma instituição social, resultando, portanto, em exclusão social. Logo, onde quer que exista uma minoria com acesso desigual às TICs, o que temos é mais uma exclusão, que se soma às muitas “tradicionais” já existentes. (LOPES, 2007, p. 2)

As crianças entrevistadas, tão quanto as que estudam na Escola Classe 10 de Sobradinho e todas as que têm realidades financeiras e sociais parecidas, são alvos de diversas exclusões e passíveis de exclusão digital. Na vida estudantil isso pode ser uma problemática, e refletir em todas as outras áreas futuramente.

Historicamente os alunos de escola pública não conseguem alcançar outros alunos de escola particular, no que diz respeito a posse de saberes. A falta de acesso à rede, a longo prazo, os fará ainda mais excluídos.

Entende-se que a inteligência coletiva ou as comunidades virtuais de aprendizagem estão disponíveis para todos. A troca de saberes acontece a todo momento no ciberespaço. Aquele que tem acesso e pode participar ativamente deste processo, se destacará daquele que não o faz.

Portanto, os estudantes com maiores condições financeiras, que utilizam internet em suas casas e escolas, estão um passo à frente daqueles que não o fazem. Além disso, muitas escolas particulares têm utilizado as TIC como material pedagógico e orientado para a criação de saberes, o que faz com que a desigualdade aumente e os estudantes que não têm condições de acesso sejam diminuídos.

Pierre Lévy já havia destacado em seu livro que os excluídos digitais sofreriam com o processo de inteligência coletiva, por estarem fora dele. “(...) e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entram no ciclo positivo de alteração, se sua compreensão e apropriação”. (LÉVY, 1999, p. 30).

A não modificação dessa realidade vivida pelas crianças de baixa renda pode ocasionar em um sistema social onde não há evolução no grupo social familiar. Assim, o nível de instrução dos filhos é o mesmo que o dos pais e vivem em condições financeiras e sociais parecidas.

É visível que as crianças anseiam pelo acesso à rede, pois mesmo que não o façam em casa ou regularmente, procuram a casa de familiares ou amigos para fazê-lo. As crianças que nunca tiveram acesso, porém, não sentem necessidade de fazê-lo e não têm desejos, mesmo que de entretenimento, para tal.

Esperava-se, então, que a exclusão digital, e tão logo social, sofrida pelas crianças de baixa renda fosse sanada pelo Projeto Um Computador Por Aluno (PROUCA). Isso, porém, não se comprovou na pesquisa.

Percebe-se de forma geral que o ensino público brasileiro ainda é muito precário. Mesmo com o acesso a laptops para todos os alunos, eles não sofrem inclusão digital. Este fato acontece por falta de professores preparados para realizar tal tarefa.

Estes profissionais são muito importantes para a formação das crianças, as ensinam a dar os primeiros passos rumo a educação. Estão, porém, cansados e desmotivados. Além disso, não sabem utilizar as tecnologias, são também excluídos digitais por conta do analfabetismo digital.

O Ministério da Educação (MEC) investe em formação dos professores e tem vários projetos para inclusão de escolas públicas e particulares, como o próprio PROUCA. Além disso, disponibiliza computadores, programas digitais e conteúdo. Porém, não leva em consideração o impacto social, a realidade das escolas e das famílias que utilizam este investimento.

#### 4.3.2 Realidade sobre o uso de internet na escola

Percebe-se nas falas das professoras e do diretor entrevistados que eles anseiam por utilizar a internet na sala de aula. Porém, não se mostram preparados para tal. A escola não tem ambientes e condições prontos para a internet, já que a rede não suporta o número de computadores.

Compreende-se a partir da pesquisa que não só a escola é tradicional, mas os pais também são. Eles, talvez por não compreender a internet e suas possibilidades, não estariam prontos para a entrada da internet na escola e a formação do conhecimento livre. Estão ainda preocupados com a possibilidade de vícios e não com as oportunidades. Acreditam que a internet pode ajudar na escola, mas sempre colocam barreiras que dificultariam o acesso verdadeiro.

Um responsável chega a falar que as crianças não deveriam utilizar internet e que não poderiam aprender nada na rede. Para ele, apenas quando atingirem uma idade maior poderiam aprender algo. Percebe-se, porém, que não há internet na casa deste respondente. Ele não tem contato com a rede, não conhece e por isso impôs barreiras também para o filho.

A utilização de internet nas escolas, principalmente nas públicas, se mostra um grande desafio. Primeiramente os professores deveriam aprender a utilizar e perder seus preconceitos e fobias tecnológicas. Os pais deveriam estar abertos para o novo e também se tornarem mediadores do conhecimento para seus filhos, o que necessitaria de um grau de instrução significativo. E a escola deveria ser munida pelo estado de condições necessárias.

O PROUCA ao primeiro olhar parece um projeto utópico para as escolas brasileiras. Talvez, com a utilização correta poderia gerar resultados positivos. Porém, mesmo com acesso à internet as crianças não utilizaram da forma esperada, por conta da falta de instrução dos professores.

Os laptops do UCA tem várias ferramentas instaladas. Se trabalhados corretamente pelos professores, esses jogos e ferramentas podem auxiliar na aprendizagem dos alunos. Uma dessas ferramentas ajuda, por exemplo, na escrita das crianças. Elas deveriam produzir textos nele ou simplesmente copiar do quadro. Ele mostraria, assim, os erros de escrita e poderia promover uma melhor aprendizagem, já que a professora não pode corrigir todos os textos dos alunos.

O fato dos professores não conseguirem utilizar os aplicativos instalados e a sua disposição, mostra que mesmo que todos os computadores acessassem a rede, eles não saberiam utilizar da melhor forma pedagógica possível. A sala de aula sempre se tornaria uma sala de jogos.

É válido ressaltar que os jogos não devem ser desconsiderados para a educação, principalmente a fundamental. Essas crianças de seis a oito anos estão na fase de realizar tarefas lúdicas, e os jogos pedagógicos podem ajudar na compreensão do conteúdo.

Percebe-se, também, que não são todos os professores que precisam de formação maior, uma das professoras entrevistadas, por exemplo, se destacou em suas respostas. Em uma das questões discursivas declarou “É importante se usar a discussão para direcionar o uso da internet da melhor forma possível”. Demonstrando assim, a necessidade da internet na escola e a mudança das escolas, que deve começar principalmente nos professores.

Outros lugares do mundo também tentaram realizar esse tipo de projeto nas escolas públicas, e tiveram resultados positivos. Em Portugal, por exemplo, existe o programa E-escola e o Magalhães. Nos dois casos os alunos receberam computadores e o levam para casa. Isso fez com que as famílias das crianças que não tinham acesso as TIC passassem a ter.

Na pesquisa realizada pelo Núcleo de Pesquisa Crianças e Internet, da Universidade de Lisboa, coordenado pela Ana Nunes de Almeida (2011), é possível perceber as crianças de Portugal que vivem o processo de inclusão digital por meio desses programas, e como levam a inclusão também para seus pais. Eles declaram ter o primeiro contato com a tecnologia por meio desses computadores.

Tinha acabado de receber o computador da e-escolas e, até ai, nunca tinha mexido muito em computadores, porque, a nível financeiro, até esse ponto nunca foi permitido a esse nível e também nunca foi uma coisa que eu ligasse muito, nunca pedi aos meus pais, portanto, foi quando recebi o computador da e-escola que tinha acesso à internet que comecei a utilizá-la. (ALMEIDA, 2011, p.29)

A ideia inicial do PROUCA assemelha-se muito com o projeto E-escola<sup>6</sup>. Porém eles tentam promover uma info-inclusão e disponibilizam também internet. Além disso têm uma preparação para os professores, escola e alunos. O que faz com que haja eficácia na execução.

Os alunos que participam do UCA nunca levaram os laptops para casa, eles ficam na escola, dentro das salas. Percebe-se que o governo e as escolas de Portugal têm uma preocupação maior com os estudantes que o Brasil, devido ao incentivo a educação com base no conhecimento livre e mediado pela internet.

#### 4.3.3 Realidades de uso

É perceptível na pesquisa que as crianças que têm acesso a internet realizam as atividades já esperadas. Utilizam a rede principalmente para entretenimento e costumam realizar tarefas segmentadas, fazem e veem suas coisas favoritas.

Um temor dos estudiosos é que esse uso de internet de forma segmentada possa dificultar a promoção de criatividade. Realizam sempre as atividades que mais gostam, jogos os mesmos jogos, ouvem as mesmas músicas.

A internet proporciona uma segmentação e poder de escolha jamais visto. Para um usuário adulto isso pode ser algo extremamente positivo, aumentando o suas possibilidades e preferências. Falar apenas com as pessoas que têm algo em comum, assistir apenas séries de seu interesse, pesquisar e descobrir coisas de sua curiosidade.

---

<sup>6</sup> <http://eescola.pt/>

Porém, essa segmentação prejudica na criação e manutenção de criatividade e de imaginário, principalmente para as crianças. Para que haja criatividade é necessário que o ambiente proporcione formas distintas e plurais de vivências.

(...) identificamos entre as condições favoráveis ao desenvolvimento da imaginação – entendida como espaço de invenção e exercício de possibilidades – o contato com a natureza, a vivência artística, a mediação adulta, o tempo livre para a brincadeira e o estímulo narrativo. (GIRARDELLO, 2005, p.3)

Teoricamente a televisão teria todos esses pontos, o que a tornaria positiva para a promoção de criatividade nas crianças. Sabe-se, porém, que ela tem se tornando cada vez mais segmentada, principalmente com a ascensão da TV paga.

Com as crianças utilizando cada vez mais internet, elas passam a dedicar um tempo maior para tal atividade, e ficam muitas horas na frente da tela do computador ou de dispositivos. Perdem o contato com o mundo físico e passam a realizar suas atividades básicas no mundo virtual.

As brincadeiras mediadas pelas redes que interagem em ambientes digitais muitas vezes são segmentadas, sempre se joga o mesmo jogo ou com temas parecidos. Além disso, os games se auto narram, criam mundos e personagens diversos, o que faz com que a criança se preocupe apenas com seu personagem.

Segundo Alencar (2007), uma pesquisadora da área de psicologia da criatividade, a importância de se aprender criatividade na infância se dá por diversos motivos que acarretam na formação de um ser mais preparado para vivência na sociedade e no mundo.

A importância da criatividade não é para se formar artistas criativos, e sim para encontrar respostas para os problemas que viverão na vida. É sabido que vivemos em um mundo caótico de mudanças constantes e é necessário encontrar soluções rápidas e criativas. Além disso, a criatividade é uma necessidade intrínseca do ser humano e leva a encontrar realização pessoal onde quer que esteja.

(...) têm apontado distintas razões para a importância de se cultivar a criatividade e desenvolvê-la de forma mais plena ao longo da vida. Entre elas, poder-se-ia lembrar o reconhecimento de que a necessidade de criar é uma parte saudável do ser humano, sendo a atividade criativa acompanhada de sentimentos de satisfação e prazer, elementos fundamentais para o bem-estar emocional e saúde mental. Uma segunda razão diz respeito ao cenário atual, caracterizado por incerteza, complexidade, progresso e mudanças que vêm ocorrendo em um ritmo exponencial, gerando desafios e problemas imprevisíveis, que requerem soluções criativas. (ALENCAR, 2007, p. 45)

Outra realidade vista na pesquisa é o fato das crianças utilizarem internet principalmente para a realização de tarefas relacionadas ao entretenimento. Isso é uma preocupação, ao ponto

que, se as crianças entenderem e utilizarem a internet apenas para entretenimento, ela passará a ter esse significado.

É observado também que as crianças estão trocando as telas de suas casas. Param de assistir televisão no aparelho televisivo para ver na tela do computador. É quase unânime entre as crianças que tem acesso esse uso. Elas também segmentam o conteúdo aqui, assistem vídeos de interesses pessoais.

A perda de noção de tempo físico e virtual também foi comentada na pesquisa. Os alunos que têm acesso à internet e não têm controle dos pais em relação ao tempo de uso, acabam ficando um tempo exagerado conectadas, embora os pais não sintam esse exagero.

Muitas realidades de usos apresentadas em outras pesquisas não poderem ser observadas nesta. Principalmente pela falta de acesso das crianças, mas também pela falta de entendimento de internet delas e de seus responsáveis.

A falta de entendimento se comprova na mãe que se contradiz em suas respostas. Diz não ter acesso a rede na casa, mas permite seu filho utilizar internet. E o próprio filho diz utilizar internet e relata seus usos corriqueiros.

É preciso, então, educar as crianças para que utilizem a internet da melhor forma. Não é necessário deixar de utilizá-la como entretenimento, mas deve-se aprender novas formas de utilização, principalmente no que diz respeito a criação de conhecimento.

#### 4.3.4 Realidades sobre a proteção das crianças na rede

Uma grande preocupação que a pesquisa nos traz é a falta de proteção que as crianças têm na internet. Os responsáveis não realizam medidas educativas ou preventivas para que as crianças não sofram abusos ou riscos na rede.

A maioria dos responsáveis estão preocupados com a parte operacional do computador e não com a exposição das crianças. Além disso, algumas crianças disseram que a internet não é perigosa e não conhecem os riscos, ou acham distante de suas realidades.

Em uma análise realizada por Ponte e Vieira (2008) sobre os estudos de internet e crianças realizados em Portugal e identificados pelo projeto EU Kids Online, chegou-se a



constatação que a preocupação dos riscos na rede está nos discursos dos pesquisadores e como ainda precisasse falar sobre isso.

A agenda do risco continua a ser liderada por adultos, é muitas vezes configurada como “pânico moral” pelos meios de comunicação social e, por isso, foca-se na pornografia, no contacto com estranhos, em conteúdos violentos, etc. Não tem sido assim suficientemente orientada por provas objectivas de situações prejudiciais concretas, sejam de natureza criminal (como a incidência do abuso sexual ou raptos com fins criminosos) ou médica (como a incidência do suicídio juvenil ou tentativas de auto-destruição). Não é ainda também suficientemente reflexiva sobre a agenda de preocupações das próprias crianças e jovens (onde o bullying, o abuso da identidade ou o ódio racial ultrapassam a pornografia e mesmo o perigo dos contactos com estranhos). (PONTE E VIEIRA, 2008, p.2738)

Os pais não têm costume de falar com os filhos sobre os perigos, muitas vezes por falta de conhecimento. Não sabem as possibilidades da internet e tão logo quanto suas crianças estão vulneráveis.

O Cyberbullying não foi citado como risco por nenhum dos entrevistados. Esta, porém, tem sido uma grande preocupação mundial. A violência psicológica virtual tem sido percebida em todo o mundo, e é tão prejudicial para as crianças como o bullying real. O anonimato possibilitado pela internet intensifica essa atividade.

Segundo uma pesquisa realizada pela empresa AVG, “uma em cada seis crianças já foi vítima de bullying virtual”. (p.9). Este dado é preocupante e precisa da atenção maior dos pais e dos professores, para que as crianças não sofram ainda mais. É preciso também realizar campanhas que conscientizem as crianças e pais sobre esse e outros riscos.

Além dos fatores de risco que já foram citados aqui, como pornografia e rapto, os celulares e aplicativos instalados apresentam outros perigos. Os pais tendem a deixar as crianças utilizarem celulares sem cautela. Vários aplicativos tidos como sedativos são baixados, e o celular e tablet se tornam a babá moderna.

Na pesquisa poucas crianças declararam ter posse de celulares, porém a maioria declarou utilizar o aparelho dos pais ou familiares. Um estudo realizado para entender o novo marketing infantil, chegou a algumas conclusões interessantes sobre o risco que as crianças correm ao utilizar aplicativos em celulares e afins.

Percebeu-se no estudo que as permissões dos aplicativos, autorizadas pelo usuário, escondem um número maior de informações que acabam por omitidas ou ocultas. Todos os aplicativos analisados precisam de conexão com a internet para o funcionamento eficiente. O sistema analisado foi o *Android*, que está presente na maioria dos dispositivos brasileiros.

Durante as análises dos aplicativos os pesquisadores descobriram que as permissões dão autorização para a realização de tarefas imagináveis. Os aplicativos podem guardar e enviar para o servidor uma série de informações pessoais e acessam arquivos e funções privadas.

Utilizando as ferramentas adequadas (mitmproxy e iptables) constatamos que o aplicativo infantil Play Kids captura todas as informações do dispositivo móvel, tais como: número de telefone, operadora, endereços de e-mail cadastrados, modelo e marca do dispositivo, números de série, versões dos aplicativos instalados, versão do sistema, idioma, horário local, fuso horário e a lista de contas (Google e outros serviços instalados, o que pode incluir nomes de usuário, e-mails e números de telefone) e os envia para os desenvolvedores do aplicativo a cada vez que o mesmo é aberto. Tais dados são coletados sem o consentimento do usuário e informações sobre a coleta e o uso destes dados não aparecem claramente nos termos de uso e privacidade do aplicativo. (MELO, NEVES e MACHADO, 2014, p.11)

Percebe-se assim uma necessidade ainda maior de observar e proteger as crianças. Não só pelo que se pode ver, mas também pelo que está oculto na internet. Elas ainda estão formando suas opiniões e visões sobre o mundo e precisam ser preservadas. É sabido que os pais e professores não têm contato com a tecnologia e também não têm informações sobre, devido as realidades sociais e a exclusão digital que vivem.

Os responsáveis e professores devem encontrar uma forma de se conscientizar sobre o assunto e encontrarem a melhor forma de observar a utilização das crianças. Devem utilizar o meio do diálogo para poder obter melhores resultados, não os castigos físicos, como foi encontrado na pesquisa.

Existem ações do MEC, de ONGs e de projetos universitários para aumentar a formação dos professores, porém esse assunto não foi aprofundado neste estudo, onde cabe maior pesquisa. É importante conhecer como se dá a formação dos professores e se são devidamente preparados para o uso de tecnologias nas escolas. Se os projetos já existentes surgiram efeitos e resultados positivos.

Esses profissionais têm a responsabilidade de conduzir as crianças, e precisam estar preparados para as oportunidades e os desafios que a internet traz, não só para a educação, mas para a vida das crianças.

## 5. CONCLUSÃO

Muitas das hipóteses da pesquisa não se confirmaram. Esperava-se que as crianças pudessem aprender mais sobre internet na escola, e entendessem o potencial de criação de conhecimentos na rede. Porém, mesmo tendo posse de computadores nas salas de aula, as crianças não têm contato com a internet.

Quando perguntadas sobre para que existe internet, apenas uma criança entrevistada diz que internet serve para aprender, todos os outros a significam por atividades de entretenimento. Assim, eles não têm compreensão que internet é mais do que jogos, vídeos e música.

Além disso, acreditava-se que a escola que têm um computador por aluno e acesso à internet estivesse preparada para utilizar a rede como ferramenta educacional. Esperava-se que os professores tivessem realizado cursos sobre as tecnologias e como utilizar internet. Assim, mesmo que tivessem uma formação antiga, conseguiriam utilizar os laptops em sala de aula.

Porém, as professoras pesquisadas e o diretor confirmaram que essa formação não aconteceu. O que leva a falta de saberes dos educadores sobre as possibilidades educacionais da internet e intensifica suas fobias tecnológicas pessoais e exclusão digital.

A hipótese de que os pais e professores têm consciência dos perigos que a internet pode trazer para as crianças, foi provada como oposto. Os pais não sabem os reais perigos e não ditam regras de cunho educacional para proteção. Dois pais declararam, ainda, não observar os filhos durante a sua utilização.

A falta de conhecimento maior dos pais em relação aos riscos se dá muitas vezes pela falta de uso e saberes sobre a internet. Porém, leva as crianças a não acreditarem nos perigos da internet.

A única hipótese confirmada foi que as crianças utilizam internet como forma de entretenimento. Das 12 crianças entrevistadas, dez afirmaram utilizar internet para jogar, mesmo não tendo conexão em casa, utilizando assim outros locais e dispositivos de terceiros para tal.

É percebido que as crianças entrevistadas não vivem ainda o uso corrente da internet, sofrido pela classe média e alta a partir de 2000. Assim como suas famílias, e pessoas que têm as mesmas condições sociais e econômicas.

Os entrevistados não fazem parte da parcela mais pobre da população brasileira. O que nos mostra que o acesso à internet ainda é muito baixo nas classes baixas. Essa realidade não é diferente em outros países subdesenvolvidos.

Percebe-se também que o borramento das atividades realizadas na internet está presente nas crianças pesquisadas. Elas perdem a noção do que de fato fazem na rede. Acreditam ter total conhecimento e dominação do digital, mesmo sem entender o potencial da internet.

A liberdade de pensamento e expressão realizados por meio da internet, por facilidade de acesso as informações e conhecimentos, ainda não é possível por falta de acesso. O futuro que Pierre Lévy previu em 1999 ainda não foi realizado nas crianças estudadas, e provavelmente em grande parte da população brasileira.

Muitas coisas ainda precisam mudar. A inclusão digital deve acontecer não só com as crianças, mas com os pais e responsáveis, com os professores e educadores. O desafio para que projetos como o UCA funcionem é maior do que simplesmente estrutural e financeiro, é social.

Os governos precisam realizar projetos e campanhas sociais para que a inclusão de fato aconteça. Comprar tecnologia não basta para sanar o problema. Com a falta de acesso as pessoas de baixa renda continuarão sem liberdade de expressão oprimidas pelo sistema e governo.

Segundo Castells (2003, p.225), “ A internet é de fato uma tecnologia da liberdade – mas pode libertar os poderosos para oprimir os desinformados, pode levar à exclusão dos desvalorizados pelos conquistadores do valor”. As crianças devem ser inseridas na internet, além das problemáticas já citadas, para não se tornarem jovens e adultos oprimidos e submissos.

Para que os professores se atualizem, é preciso uma mudança de dentro das faculdades e centros de ensino que formam os professores. Os professores antigos devem realizar reciclagens e estar abertos para as novas tecnologias. As formas tradicionais de ensino devem cada vez mais se modernizar e se adequar as realidades dos alunos. Falta nos professores a cultura do aprender a aprender.

Acredito que as escolas tradicionais, que estão presentes no mundo todo, terão de mudar suas formas de ensino por bem ou por mal. A tecnologia traz muitos benefícios para a pedagogia e aos alunos, inseridos direta ou indiretamente, já os vivem.

Muitos questionamentos surgem a partir dessa pesquisa. A diferença na percepção dos alunos em relação à internet é algo que chama atenção. Porque na mesma escola, estudando na mesma sala, uma criança percebe o uso de internet na aula e outra não?

Além disso, é possível perceber a diferença das repostas entre as crianças que têm e as que não têm internet em casa. As que acessam a rede são apaixonadas, querem usar cada vez mais. Já as que não têm acham desnecessário o uso. Será que foram convencidas disso por alguém? Ou realmente não têm nem curiosidade?

O fato de as crianças de seis anos não quererem internet na escola mostra outra disparidade, já que é a turma que a professora afirma utilizar internet nas aulas. Deveriam compreender mais que as outras crianças entrevistadas as possibilidades de se aprender na rede.

As crianças devem ser educadas para utilizar internet da melhor forma. Devem aprender a se proteger, a encontrar informações verdadeiras e capazes de promover conhecimento, a criarem diversidades de inteligência e utilizar o poder de livre expressão proporcionado pela rede da melhor forma possível.

## REFERÊNCIAS

AVG Brasil e Winco Sistemas. **Proteja nossas crianças e jovens**. Disponível em: <[http://www.avg.com/content/dam/pdfs/AVG\\_EBOOK-Proteja\\_nossas\\_crianças.pdf](http://www.avg.com/content/dam/pdfs/AVG_EBOOK-Proteja_nossas_crianças.pdf)>. Acesso em: 03/05/2016.

ALENCAR, E. M. L. S. **Criatividade no contexto educacional**: três décadas de pesquisa. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 23, n. 5, p. 45-49, 2007. Disponível em: <<http://twingo.ucb.br/jspui/handle/10869/329>>. Acesso em: 04/06/2016.

ALMEIDA, Ana Nunes de (coord.). **Crianças e internet**: Usos e representações. 2011.

Lisboa: ICS. Disponível em: <[http://www.crinternet.ics.ul.pt/icscrianças/content/documents/relat\\_cr\\_int.pdf](http://www.crinternet.ics.ul.pt/icscrianças/content/documents/relat_cr_int.pdf)>. Acesso em: 18/05/2016.

BARRA, Sandra Marlene Mendes. **Infância e internet** - interações de rede. In: Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. 2004. Disponível em <[http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR4628eddb83d72\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628eddb83d72_1.pdf)>. Acesso em: 04/04/2016.

BUZATO, M. E. K. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: Portal Educarede. 2006. Disponível em: <[http://www.educarede.org.br/educa/img\\_conteudo/marcelobuzato.pdf](http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf)>. Acesso em: 05/06/16.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede, a era da informação**: economia, sociedade e cultura. Volume 1. 6ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet** – reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL – CGI.br. **TIC Kids Online**: Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico]. São Paulo, 2015. Disponível em: <[http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC\\_Kids\\_2014\\_livro\\_eletronico.pdf](http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2014_livro_eletronico.pdf) >. Acesso em: 06/05/16.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas, 4ª ed., 2002.

GIRARDELLO, Gilka. **Produção cultural infantil diante da tela**: da TV à internet. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11-12, 2005. Disponível em: <

<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/158/155>>. Acesso em: 02/06/2016.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro. IBGE, 2014.

INTERNET WORLD STATS. Internet users in the world distribution by world regions - 2014. Disponível em <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>>. Acesso em: 06/05/2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo. Aleph, 2ª Edição, 2009.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo. Atlas, 5ª ed., 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro. Editora 34, 1999.

LOPES, Cristiano Aguiar. **Exclusão Digital e a Política de Inclusão Digital no Brasil** – o que temos feito?. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación, v.9, n.2, maio. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/viewFile/235/230>>. Acesso em: 05/06/2016.

MELO, Rafaela da Silva; NEVES, Breno Gonçalves Bragatti; MACHADO, André Ferrerira. **Crianças Mobile**: tecnologias móveis e as novas estratégias de marketing infantil. Revista Anagrama. São Paulo, v.08, n° 2, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/view/8714>>. Acesso em 23/03/2016.

MIRANDA, Antonio Lisboa Carvalho De; SIMEÃO, Elmira Luzia Melo Soares. **Da Comunicação Extensiva ao Hibridismo e Animaverbivocovisualidade (AV3)**. Informação, João Pessoa, v.24, n.3, setembro, 2014. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/19075>>. Acesso em: 05/06/2016.

PONTE, Cristina; VIEIRA, Nelson. **Crianças e Internet, riscos e oportunidades**. Um desafio para a agenda de pesquisa nacional. In: 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. 2007, Braga. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/228863682\\_Crianças\\_e\\_Internet\\_riscos\\_e\\_oportunidades\\_Um\\_desafio\\_para\\_a\\_agenda\\_de\\_pesquisa\\_nacional](https://www.researchgate.net/publication/228863682_Crianças_e_Internet_riscos_e_oportunidades_Um_desafio_para_a_agenda_de_pesquisa_nacional)>. Acesso em: 05/06/2016.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PASSARELLI, Brasilina. **Interfaces digitais na educação**: alucinações consentidas. São Paulo. Escola do Futuro da USP, 2007.

PASSARELLI, Brasilina e AZEVEDO, José (org). **Atores em rede**: olhares luso-brasileiros. São Paulo. Senac, 2010.

PASSARELLI, Brasilina e JUNQUEIRA, Antônio Hélio. **Gerações interativas Brasil**: crianças e adolescentes diante das telas. Escola do Futuro/USP, São Paulo, 2012.

PASSARELLI, Brasilina; JUNQUEIRA, Antonio Helio e ANGELUCI, Alan César Belo. **Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas**. São Paulo. Revista Matrizes, v.8, nº1, 2014. Disponível em <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/404>>. Acesso em 07/04/2016.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de; REZENDE, Nauro Borges de. **A tevê e a criança que te vê**. Cortez, 3ª Edição, 2002.

SANTOS, Ana; YAMAGUCHI, Cristina. **Instrumentos para a gestão do conhecimento**: um estudo entre as gerações. Anais do Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos. Vol 01. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/view/2126/0>>. Acesso em 09/04/2016.

SERRANO, Daniel Portillo. **Geração X, Geração Y, Geração Z**. Portal do Marketing, Junho, 2010. Disponível em: <[http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Geracao\\_X\\_Geracao\\_Y\\_Geracao\\_Z.htm](http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Geracao_X_Geracao_Y_Geracao_Z.htm)>. Acesso em: 09/04/2016.

SERRANO, Daniel Portillo. **Geração Alpha**. Portal do Marketing, Janeiro, 2011. Disponível em: <[http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos1/Geracao\\_Alfa.htm](http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos1/Geracao_Alfa.htm)>. Acesso em: 09/04/2016.

SZYMANSKI, Heloisa. **Práticas educativas familiares**: a família como foco de atenção psicoeducacional. Revista Estudos de Psicologia, v.21, n.2, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n2/a01v21n2>>. Acesso em 08/06/2016.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Agir, 2010



## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A - Guia de perguntas objetivas das crianças



### Guia de Perguntas sobre internet - Objetivas

Nome: \_\_\_\_\_  
 Idade: \_\_\_\_\_  
 Série que está cursando : \_\_\_\_\_

#### Instruções

Responda as perguntas colocando um x ou um círculo na alternativa que mais corresponde ao que você vive.  
 Seja o máximo sincero (a) possível.

#### Parte I: Uso em casa

- 1) \_\_\_\_\_ **Você tem computador em casa?**
  - a. Sim
  - b. Não

Se sim, quantos? \_\_\_\_\_
  
- 2) \_\_\_\_\_ **Você tem celular?**
  - a. Sim
  - b. Não

Se sim, seu celular tem acesso à internet?

  - a. Sim
  - b. Não

Você acessa a internet do celular?

  - a. Sim
  - b. Não
  
- 3) \_\_\_\_\_ **Você tem acesso à internet em casa?**
  - a. Sim
  - b. Não

Se sim, qual tipo de acesso?

  - a. Banda Larga (conectado por fio)
  - b. Wi-Fi
  - c. Rede de celular
  - d. Outros: \_\_\_\_\_
  
- 4) \_\_\_\_\_ **Onde você costuma acessar internet?**
  - a. No quarto
  - b. Na sala

- c. Na biblioteca
- d. Na escola
- e. Outro: \_\_\_\_\_

5) \_\_\_\_\_ **Qual instrumento utiliza para acessar a internet?**

- a. Computador
- b. Celular
- c. Tablet
- d. Notebook
- e. Outros: \_\_\_\_\_

6) \_\_\_\_\_ **Quando costuma ficar on-line?**

- a. À tarde
- b. Quando chego da escola
- c. Antes de ir para a escola
- d. À noite
- e. Somente no final de semana
- f. Domingo
- g. Outro horário
- h. Nunca

7) \_\_\_\_\_ **Por quanto tempo você costuma ficar on-line?**

- a. 1 hora
- b. 2 horas
- c. 3 horas
- d. 4 horas
- e. Mais de 4 horas
- f. Não sei
- g. Nunca

8) \_\_\_\_\_ **Costuma usar a internet para jogar?**

- a. Sim
  - b. Não
- Se sim, que tipo de jogos? \_\_\_\_\_



- b. Meu pai
- c. Tia
- d. Avó
- e. Ninguém
- f. Outro: \_\_\_\_\_

### Parte II: Uso na escola

- 1) \_\_\_\_\_ **Tem internet na sua escola**
  - a. Sim
  - b. Não
  - c. Não sei
  
- 2) \_\_\_\_\_ **Você acessa internet na escola**
  - a. Sim
  - b. Não

Se sim, por onde?

  - a. Celular pessoal
  - b. Tablet pessoal
  - c. Tablet da escola
  - d. Sala de informática
  
- 3) \_\_\_\_\_ **Você usa internet durante as aulas?**
  - a. Sim
  - b. Não

Se sim, o professor está sempre por presente? \_\_\_\_\_
  
- 4) \_\_\_\_\_ **Já usou sites de pesquisa? (pode marcar mais de uma)**
  - a. Wikipédia
  - b. Brasil escola
  - c. Google
  - d. Bing
  - e. Yahoo respostas
  - f. Outro: \_\_\_\_\_



5) \_\_\_\_\_ O que você acha dessas regras?

3) \_\_\_\_\_ Você acha que a internet é perigosa?

#### **Parte II: Uso na escola**

1) \_\_\_\_\_ O que você acha sobre usar internet na escola?

2) \_\_\_\_\_ Você acha que pode aprender na internet?

3) \_\_\_\_\_ Você sabe pesquisar assuntos da escola na internet?

- 4) \_\_\_\_\_ **Você usa internet para fazer os trabalhos?**
- 5) \_\_\_\_\_ **Alguma vez já copiou as respostas da internet?**
- 6) \_\_\_\_\_ **Vocês acham que os professores acham a internet importante?**
- 7) \_\_\_\_\_ **Você acha que deveria usar mais internet na escola?**

### **Parte III: Pessoal**

- 1) \_\_\_\_\_ **Na sua opinião, para que serve a internet?**



## APÊNDICE C - Guia de perguntas para professores



### Guia de Perguntas - Interação das crianças com a internet

Nome: \_\_\_\_\_  
Sexo: \_\_\_\_\_  
Ano que dá aula: \_\_\_\_\_  
Área de formação: \_\_\_\_\_

#### Instruções

Responda as perguntas de alternativas marcando um X ou círculo. Responda as perguntas dissertativas com maior sinceridade possível.

#### Parte I: Pessoal

- 1) \_\_\_\_\_ Costuma utilizar internet?
  - a. Sim
  - b. Não
  
- 2) \_\_\_\_\_ Fez algum curso sobre utilização de internet?
  - a. Sim
  - b. Não

Se sim, onde? Com qual intuito?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_
  
- 3) \_\_\_\_\_ Costuma utilizar internet para preparar suas aulas?
  - a. Sim
  - b. Não
  
- 4) \_\_\_\_\_ Costuma enviar ou receber e-mails de alunos?
  - a. Sim
  - b. Não

**Parte II: Escola**

- 1) \_\_\_\_\_ Existem computadores conectados à internet na sua escola?
  - a. Sim
  - b. Não
  
- 2) \_\_\_\_\_ Usa internet durante a aula, com os alunos?
  - a. Sim
  - b. Não
  
- 3) \_\_\_\_\_ Na sua opinião, como está a qualidade dos computadores da sua escola?
  - a. Muito bom
  - b. Bom
  - c. Regular
  - d. Ruim
  - e. Péssimo

**Parte III: Aulas**

- 1) \_\_\_\_\_ Costuma mostrar páginas específicas para seus alunos?
  - a. Sim
  - b. Não
  
- 2) \_\_\_\_\_ Nas aulas você costuma observar o que seus alunos fazem na internet?
  - a. Sim
  - b. Não
  
- 3) \_\_\_\_\_ Você já ensinou seus alunos a utilizarem a internet?
  - a. Sim
  - b. Não

4) \_\_\_\_\_ Você acha importante utilizar internet nas aulas?

- a. Sim
- b. Não

5) \_\_\_\_\_ Você costuma indicar páginas da internet para seus alunos acessarem em casa?

- a. Sim
- b. Não

6) \_\_\_\_\_ Costuma passar trabalhos ou deveres de casa que necessitem o uso de internet?

- a. Sim
- b. Não

7) \_\_\_\_\_ Você acredita que as crianças podem aprender na internet?

---

---

---

8) \_\_\_\_\_ Você acha que a internet tem grande potencial pedagógico? Por quê?

---

---

---

9) \_\_\_\_\_ Você acha que a internet é um recurso educativo importante? Por quê?

---

---

---

10) \_\_\_\_\_ Você acha que a internet é perigosa para as crianças?

- a. Sim
- b. Não

11) \_\_\_\_\_ Costuma falar com os alunos sobre o perigo da internet?

- a. Sim
- b. Não

12) \_\_\_\_\_ Como você acha que seus alunos utilizam a internet?

- a. Em relação ao tempo

---

---

---

---

- b. Em relação as facilidades e dificuldades

---

---

---

---

- c. Em relação aos perigos

---

---

---

---

## APÊNDICE D - Guia de perguntas para pais



### Guia de Perguntas - Interação das crianças com a internet

Nome: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_  
Sexo: \_\_\_\_\_  
Nome do filho (a): \_\_\_\_\_  
Grau de instrução: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_

#### Instruções

Responda as questões de alternativas marcando um X ou círculo na que corresponder melhor com a realidade que vive e no que acredita. Responda as questões dissertativas com a maior sinceridade possível.

- 1) \_\_\_\_\_ Quantas pessoas moram na sua casa?  
\_\_\_\_\_
  
- 2) \_\_\_\_\_ Qual sua renda familiar?
  - a. Menos de 1.000
  - b. Entre 1.000 e 5.000
  - c. Entre 5.000 e 10.000
  - d. Mais de 10.000
  
- 3) \_\_\_\_\_ Tem acesso à internet na sua casa?
  - a. Sim
  - b. Não
  
- 4) \_\_\_\_\_ Você acha que a internet pode ser perigosa para as crianças?
  - a. Sim
  - b. Não

Se sim, qual o tipo de risco?

---

---

---

---

- 5) \_\_\_\_ Você costuma falar com seu filho(a) sobre os perigos da internet?  
a. Sim  
b. Não

- 6) \_\_\_\_ Permite seu filho (a) utilizar internet em casa?  
a. Sim  
b. Não

- 7) \_\_\_\_ Você controla a utilização do seu filho na internet?  
a. Sim  
b. Não  
c. Não se aplica

Se sim, como faz esse controle?

---

---

---

- 8) \_\_\_\_ O que você acha sobre regras de uso de internet para crianças?

---

---

---

---

- 9) \_\_\_\_ Você acha que as crianças se saem melhor na internet que os adultos?  
a. Sim  
b. Não

10) \_\_\_\_ O que você acredita que seu filho faz na internet?

---

---

---

---

11) \_\_\_\_ O que você acha sobre o tempo que seu filho passa na internet?

- a. Passa muito tempo
- b. Passa o tempo necessário
- c. Passa pouco tempo

12) \_\_\_\_ Você já ensinou seu filho a utilizar a internet?

- a. Sim
- b. Não, ele aprendeu na escola
- c. Não, ele aprendeu com parentes e familiares
- d. Não, ele aprendeu com os amigos

13) \_\_\_\_ Você acha que internet é importante para as crianças? Porque?

---

---

---

---

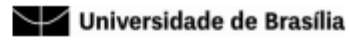
14) \_\_\_\_ O que você acha das crianças utilizarem internet na escola?

---

---

---

---



15) \_\_\_\_\_ **O que você acha das crianças utilizarem internet para fazer trabalhos de escola e pesquisas?**

---

---

---

---

16) \_\_\_\_\_ **Você acredita que as crianças podem aprender na internet?**

---

---

---

---



## APÊNDICE E - Entrevista com o diretor

### Entrevista com Diretor

Nome completo: Marçílio Bacurda Almeida

① O que você acha da internet nas escolas?

Não é aplicada, inútil, professores devem ter maior capacitação.

② Você acha que as crianças iam levar pra brincadeira?

O professor precisa ter domínio da ferramenta. As crianças estão em fase lúdica, vão querer brincar.

③ Quem quantos computadores do UCA?

São 500 computadores, com os nomes dos alunos. Eles ficam na sala de aula.

④ Eles entram na internet?

Nos atualizamos os softwares e aí eles param de entrar na internet.

⑤ É a sala de informática?

Nós estamos utilizando para educação integral. Aí tem três softwares: matemática em foco, português em foco e ciência em foco.

⑥ O que o professor faz com os laptops em sala de aula?

O UCA tem jogos, editor de texto. Os professores que sabem usar utilizam bem. Os que não sabem transformam a sala em jogos. Antes tinha um coordenador que auxiliava os professores, hoje não tem mais.

⑦ Você acha que eles não vão mais seguir com o programa?

Acredito que não.

## APÊNDICE F – Consentimento de participação



Olá! Meu nome é Bárbara Elizabeth e sou aluna de comunicação social da Universidade de Brasília. Para meu trabalho de conclusão de curso decidi estudar a interação e o consumo das crianças com a internet e como isso pode ser uma oportunidade ou desafio para as escolas tradicionais.

Para entender essa relação, estou fazendo uma pesquisa com os alunos, professores e pais. A faixa etária das crianças escolhidas é a de 06 a 10 anos. O fenômeno de consumo de internet por esse público é novo e vem tomando conta de nossa sociedade. Sabemos de filhos de amigos com menos de 2 anos que já brincam em celular e tablets conectados à internet ou mesmo os nossos filhos o fazem.

O objetivo dessa pesquisa é compreender o que as crianças entendem por internet, como a utilizam para lazer e para estudar e como as escolas podem utilizar a internet para obter maior desempenho escolar.

Como acontece em trabalhos de natureza científica, a participação nas entrevistas é voluntária, anônima e confidencial, e os resultados são utilizados apenas pela pesquisadora.

Anexado a essa página você encontrará um questionário com perguntas objetivas e subjetivas, que deverá responder da forma mais sincera e consciente possível. No final dessa página tem um termo de autorização que deve ser preenchido, tendo em vista todos os procedimentos éticos envolvidos. Se surgir qualquer tipo de dúvida ou necessidade de melhor entendimento, entre em contato pelo e-mail [barbara.eliabethgo@gmail.com](mailto:barbara.eliabethgo@gmail.com) ou telefone 8570-8804.

Agradeço a sua disponibilidade e envio os meus melhores cumprimentos!

### CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo em questão, como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos.

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisado

## APÊNDICE G – Permissão da Secretaria de Educação



### PEDIDO DE REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Bárbara Elizabeth Guedes Oliveira, estudante de Comunicação Social – Habilitação Organizacional na Universidade de Brasília, RG Nº 2.958.321, CPF Nº 039.294.281-05, responsável principal pelo projeto de pesquisa no nível de graduação, venho pelo presente, solicitar vossa autorização para realizar este projeto de pesquisa, que tem o título “O consumo da internet pelas crianças no ambiente escolar: desafios e oportunidades”, orientado pela professora Doutora Márcia Marques.

Este projeto de pesquisa tem como objetivo compreender o consumo de internet pelas crianças de 06 a 10 anos. Para tal, será realizada uma pesquisa com entrevistas com as crianças, professores e pais ou responsáveis. Serão utilizadas 10 crianças correspondente à faixa etária proposta, sendo 5 meninas e 5 meninos. Por conta do projeto UCA (Um Computador por Aluno) a escola escolhida para a pesquisa foi a Escola Classe 10 de sobradinho. Esta atividade preza pela integridade dos entrevistados, os dados serão apenas utilizados para a pesquisa em questão. Espera-se com esta pesquisa entender a relação das crianças com a internet e como a rede pode ajudar no aprendizado pedagógico, tendo em vista os desafios e as oportunidades. Qualquer informação adicional poderá ser obtida através da pesquisadora ([barbara.elizabethgo@gmail.com](mailto:barbara.elizabethgo@gmail.com), (61) 8570-8804).

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e que, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes como nome, endereço e outras informações pessoais não serão em hipótese alguma publicados.

Brasília, 29 de março de 2016.

\_\_\_\_\_  
Bárbara Elizabeth (pesquisadora)

\_\_\_\_\_  
Márcia Marques (orientadora)

\_\_\_\_\_  
Faculdade de Comunicação